

# O MEGALITISMO DO NORTE DE PORTUGAL

por

Domingos J. da Cruz \*

«... ao longe, do outro lado do agigantado sulco do rio Douro, os volumosos montes de Baião e da Aboboreira». — Sant'Anna Dionísio, *Alto Douro Ignoto*, Porto, Lello & Irmão, 1973, p. 81.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Questões preliminares

As *mamoas*, *mamoinhas*, *medorras* ou *casinhas dos mouros*, constituem um elemento característico da paisagem do Norte de Portugal.

Estes montículos artificiais, tão bem conhecidos das populações, são, contudo, estruturalmente muito diversos. Podem ou não conter no seu interior construções megalíticas, serem construídos em pedra e terra, ou apenas em pedra, apresentarem-se pouco ou muito monumentalizados, diferentemente implantados no terreno, etc.

Neste texto será utilizada a expressão *monumento megalítico* no seu sentido mais lato, compreendendo ora as construções dolménicas e cistóides, ora os túmulos sem estrutura interior, mas também os monumentos pouco destacados no terreno, construídos apenas em pedra («*cairns*»). Poderão traduzir uma prática inumatória, colectiva ou individual, ou apenas relacionar-se com manifestações de ordem ritual.

Estes diferentes tipos de monumentos surgem na paisagem sob a forma de um *tumulus* (mamoá), que poderá cobrir, total ou parcialmente, a construção central. Correspondem, por outro lado, a um longo período cronológico que se estende desde o Neolítico médio até à Idade do Bronze, altura em que o ritual funerário terá sofrido profundas alterações, abandonando-se a tradição de sepultuar sob *tumulus*.

De igual modo a expressão *núcleo megalítico* implica apenas a proximidade espacial dos monumentos, não tendo, portanto, o significado da contemporaneidade ou

---

\* Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

da semelhança, arquitectónica ou outra; o *conjunto megalítico* compreende vários núcleos de monumentos, implantados numa região geograficamente individualizável. Assume o significado de «necrópole», se entendida como espaço sepulcral cuja utilização se processou, continuamente ou não, ao longo de um período de tempo bastante vasto<sup>1</sup>.

O âmbito deste trabalho é o *Norte de Portugal*, em sentido restrito, correspondendo às regiões situadas a norte do rio Douro.

## 1.2. História da investigação

As construções megalíticas suscitaram, desde sempre, a curiosidade e o interesse dos eruditos<sup>2</sup>. Mas será no último quartel do século XIX e princípios do nosso século que o fenómeno megalítico começará a ser melhor conhecido, com a exploração de numerosas antas e mamoaas, levada a cabo por pessoas de diferentes formações mas, algumas, manifestando já preocupações de ordem científica<sup>3</sup>.

Este interesse mais generalizado pelas «coisas» arqueológicas regista-se um pouco por toda a parte e anda associado à fundação de «Sociedades Científicas», Museus, revistas, mais ou menos especializadas, etc<sup>4</sup>.

Deste período são de destacar os trabalhos pioneiros de Francisco Martins Sarmento (litoral minhoto), José Fortes (Montalegre), Félix Alves Pereira (Arcos de Valdevez), Sousa Maia (Maia), Raphael Rodrigues, José Brenha e Henrique Botelho

<sup>1</sup> Nesta mesma acepção utilizámos, em trabalho anterior, as expressões «núcleo» e «conjunto megalítico». Cf. D.J. Cruz, Contribuição para o levantamento cartográfico do Conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (concelhos de Amarante e Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, I, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1980, pp. 23-40.

<sup>2</sup> Entre outros são de referir os trabalhos de Jerónimo Contador de Argote (*Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, 3 vols., Lisboa, 1732-1744; *De Antiquitatibus Conventus Bracaragustani*, 2ª ed., Lisboa, 1738), as notas de viagem de Manuel Severim de Faria (inícios do séc. XVII) e de Frei Lourenço de Vale (1784), a dissertação de Martinho de Mendonça de Pina, apresentada à Academia Real da História Portuguesa (1733), os trabalhos de António Carvalho da Costa (*Corografia Portuguesa*, 3 vols., Lisboa, 1706-1712) e de F.A. Pereira da Costa (*Noções sobre o Estado Pré-histórico da Terra e do Homem seguidas da Descrição de alguns Dolmens ou Antas de Portugal*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1868), etc.

<sup>3</sup> Estas manifestações de rigor, presentes nos trabalhos de alguns investigadores portugueses, não são alheias à divulgação em Portugal de obras importantes, como as de Boucher de Perthes, *Antiquités celtiques et antédiluviennes*, 3 vols., Paris, 1847-1860, de G. e A. Mortillet, *Le Préhistorique. Origine et antiquité de l'Homme*, Paris, 1883, e de E. de Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1886, dois anos mais tarde vertida para português (resumo) por Ricardo Severo, com alguns acrescentos e considerações críticas, numa versão intitulada *Paleoethnologia Portuguesa* (Porto, 1888), da actividade, a partir de 1855, da «Comissão Geológica de Portugal», e da realização, em Lisboa, da 9ª sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas.

<sup>4</sup> Destaca-se a fundação, em 1882, da Sociedade Martins Sarmento, que dois anos mais tarde inicia a publicação da *Revista de Guimarães*, do Museu Ethnographico Português (1893) e da revista *O Arqueólogo Português* (1895), da Sociedade Carlos Ribeiro (1888) e da *Revista de Ciências Naturais e Sociais* (1890), das *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal* (1886), da revista *Portugalia* (1898), etc.

(Trás-os-Montes ocidental), José Tavares (Bragança), e outros; em época um pouco posterior, A. Mendes Corrêa e J. R. dos Santos Júnior são os autores de importantes descobertas no domínio da arte megalítica<sup>5</sup>.

Estes primeiros estudos, algo amadorísticos mas cobrindo vastas áreas do Norte de Portugal, conjugados com um trabalho de campo mais sistemático e critérios científicos mais exigentes, permitirão, nos anos 30 e 40, a elaboração das primeiras sínteses. Destaca-se o trabalho de Georg Leisner<sup>6</sup>, seguido do de F. Lopez Cuevillas<sup>7</sup> e, mais tarde, abarcando uma mais vasta área geográfica, o trabalho, de inventário e de síntese, de Georg e Vera Leisner, ainda hoje fundamental para o estudo do fenómeno megalítico da Península Ibérica<sup>8</sup>.

O estudo do megalitismo, imbuído de uma visão, metodológica e teórica, actualizada, e um entendimento globalizante do monumento megalítico, é desenvolvido, nos anos 80, na Serra da Aboboreira, por V. Oliveira Jorge<sup>9</sup>, o iniciador no Norte de Portugal de uma renovação da investigação pré-histórica que, certamente, marcará, neste final de século, a investigação neste domínio.

## 2. DISTRIBUIÇÃO E SITUAÇÃO

Os monumentos megalíticos distribuem-se, na região considerada, desde o litoral até ao interior transmontano<sup>10</sup>. Tanto quanto os dados disponíveis nos permitem adiantar, parece registar-se uma maior concentração no litoral interior, onde se destacam os significativos conjuntos de Castro Laboreiro (Melgaço), Gião (Arcos de Valdevez), Monte Mozinho (Penafiel), da Serra dos Campelos (Lousada) e da Serra da

---

<sup>5</sup> Vide A. Mendes Corrêa, Nouveaux documents sur l'art préhistorique au Portugal, *Revue Anthropologique*, 38.º année, 1928, pp. 169-171; *idem*, As pinturas do dólmen do Padrão (Vandoma), *O Arqueólogo Português*, 28, Lisboa, 1929, pp. 128-136; J.R. dos Santos Júnior, *Pinturas megalíticas no concelho de Carrizada de Ansiães*, Instituto de Antropologia da Univ. do Porto, 1930; *idem*, *Arte Rupestre, Congresso do Mundo Português*, I, Lisboa, 1940, pp. 329-376.

<sup>6</sup> G.K. Leisner, *Verbreitung und Typologie der galizisch-nordportugiesischen Megalithgräber*, Marburg, 1938 (Reprint Lisboa, 1977).

<sup>7</sup> F. Lopez Cuevillas, La cultura megalítica del Noroeste Peninsular, *Bol. Museo Arq. Prov. de Orense*, IV, 1948, pp. 41-57; *idem*, La época megalítica en el Noroeste de la Península, *Caesaraugusta*, 13-14, 1959, pp. 21-77.

<sup>8</sup> G. e V. Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil: Der Süden*, Römisch-Germanische Forschungen, Band 17, Berlin, 1943; *idem*, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, Madrider Forschungen, Band 1 (1-2), Lieferung, Berlin, 1956-1959; V. Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Madrider Forschungen, Band 1 (3), Lieferung, Berlin, 1965.

<sup>9</sup> V.O. Jorge, *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, 2 vols., Porto, 1982 (ed. policopiada).

<sup>10</sup> Os dados relativos ao levantamento cartográfico dos monumentos megalíticos do Norte de Portugal são escassos e muito precários. Com raras excepções, não foi desenvolvido nesta região, nos tempos mais recentes, um trabalho criterioso e sistemático de prospecção, pelo que pouco mais se conhece, neste domínio, que o legado pelas investigações antigas. A prospecção implica o calcorrear de vastas áreas e uma observação atenta e experimentada do terreno. cremos que, se tal for feito, algumas surpresas surgirão.

Aboboreira (Baião / Amarante / Marco de Canaveses) (Fig. 1).

No litoral minhoto, além do importante e monumental Dólmen da Barrosa, destacam-se os monumentos intervencionados por F. Martins Sarmiento, no vale do rio Âncora. Estes monumentos das planícies litorais, muitas vezes confundindo-se com as próprias formações dunares, são, apesar de tudo, mal conhecidos, quer no que concerne à arquitectura e espólio, mas também quanto ao seu número e tipo de implantação<sup>11</sup>.

Na província de Trás-os-Montes destacam-se os monumentos da Serra do Alvão e da Serra da Padrela (V<sup>a</sup> Pouca de Aguiar / Ribeira de Pena / Vila Real), da Chã de Alijó e de Monte Cardo (Alijó), da Serra da Azinheira (Sabrosa) e de Sales (Montalegre). São mais escassos na área oriental, onde nos surgem isolados ou em pequenos núcleos, como os de Carrazeda de Ansiães (Zedes e Vilarinho da Castanheira), Bragança (Donai) e Mogadouro (Sanhoane, Vilar de Rei, Pena Mosqueira, etc.)<sup>12</sup>.

Situam-se, de um modo geral, nas superfícies aplanadas das serras interiores, em chãs sem grandes acidentes geográficos, por vezes no coruto dos pequenos outeiros, por vezes bem destacados na paisagem, maioritariamente em pequenos núcleos.

Esta diferente dispersão dos monumentos, quiçá relacionável com diferentes tipos arquitectónicos, traduzirão, talvez, vias de penetração, influências e momentos cronológicos diversos, cuja problemática seria de averiguar com um trabalho de campo sistemático, de escavação, mas também de prospecção.

### 3. MORFOLOGIA DOS MONUMENTOS

#### 3.1. O *Tumulus*

A mamoa é a forma mais generalizada do monumento megalítico do Norte de Portugal; trata-se de uma construção feita em terra, protegida superficialmente por uma «couraça» de pedras, que ora se apresenta disposta segundo uma única camada, com as pedras mais ou menos imbricadas (Mamoa 1 de «Outeiro de Ante», Mamoa do «Alto

<sup>11</sup> Cfr. F. Martins Sarmiento, *Dispersos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933. Recentemente o Dr. E. J. Lopes da Silva iniciou um programa de investigação, no âmbito do megalitismo, que inclui o litoral minhoto.

<sup>12</sup> A província de Trás-os-Montes tem sido alvo, nos últimos anos, de trabalhos de prospecção e de escavação, realizados pelos Drs. A. Huet Bacelar Gonçalves (concelho de Sabrosa) e Maria de Jesus Sanches (Planalto Mirandês, que compreende os concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso, e parte do concelho de Freixo de Espada à Cinta). Sobre estes trabalhos veja-se o resumo da comunicação apresentada por A. Huet Bacelar Gonçalves à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, em 20 de Junho de 1986, publicado na revista *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 26 (1-4), 1986, p. 276 e, de M. J. Sanches, os artigos A Mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro), *Arqueologia*, 15, Porto, 1987, pp. 94-115; A Mamoa do Barreiro — um *tumulus* do Leste de Trás-os-Montes, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 27, Porto, 1987 (no prelo). Nós próprios realizámos também trabalhos de prospecção na região, nomeadamente nos concelhos de V<sup>a</sup> Pouca de Aguiar e Vila Real (Serras do Alvão e da Padrela), Peso da Régua e Carrazeda de Ansiães. Vd., A necrópole megalítica da Serra do Alvão, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 25 (2-4), Porto, 1985, pp. 296-406.

do Loureiro», Serra da Aboboreira, Baião), ora bastante espessada, através da sobreposição de várias camadas de pedra (Mamoas 1 de «Chã de Carvalho», Serra da Aboboreira, Baião)<sup>13</sup>.

Estes *tumuli*, que normalmente envolvem a estrutura megalítica (dólmen de corredor, pequeno dólmen, ou cista), apresentam planta de contorno circular ou ovalar e variam entre 6-8 m e 30-35 metros de diâmetro, mostrando-se, por vezes, bastante destacados no terreno, o que permite a sua detecção de longa distância (Mamoas do «Alto do Loureiro»; Mamoas do «Alto do Catorino», Serra do Alvão, V<sup>a</sup> Pouca de Aguiar), ou, outras, reduzem-se a um pequeníssimo relevo de poucos centímetros de altura, confundindo-se com os acidentes topográficos (Mamoas 4 de «Out<sup>o</sup> de Gregos», Mamoas de «Trás-dos-Tapados», Serra da Aboboreira, Baião-Marco de Canaveses).

Situam-se nas regiões planálticas, em terreno chão, e nas planícies do litoral, umas vezes aproveitando os pequenos relevos naturais não rochosos, em posição preponderante (Mamoas 1 e 2 de «Lagoa», Serra da Padrela, V<sup>a</sup> Pouca de Aguiar; Mamoas do «Alto do Loureiro»), ora em posições secundárias; por vezes, nas encostas de fraco declive e, raramente, nos interflúvios.

A mamoa teria a função fundamental de dar consistência à estrutura dolménica existente no seu interior, funcionando, em múltiplos aspectos, como solução construtiva. Só assim se compreende que estes sepulcros tenham resistido as desgastes provocado pelo tempo e chegado até nós (Fig. 2).

Mas nem sempre as grandes mamoas contêm no seu interior grandes câmaras megalíticas (Mamoas 1 de «Chã de Carvalho»). Não são de excluir outras funções, paralelas ou não àquelas. De facto, o esforço desenvolvido na construção destes montículos só é compreensível, por vezes, no âmbito da monumentalização do túmulo, certamente relacionável com a estrutura social, mental e económica da comunidade.

<sup>13</sup> Ao longo deste texto serão várias vezes mencionados, a título de exemplo, alguns monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira, cujas referências bibliográficas se indicam: *Mamoas 1 de «Outeiro de Ante»*: V.O. Jorge, Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Ante, Serra da Aboboreira — Baião, *Setúbal Arqueológica*, VI-VII, 1980-1981, pp. 85-111. *Mamoas 1 de «Outeiro de Gregos»*: V.O. Jorge, Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião), *Portugália*, nova série, I, Porto, 1980, pp. 9-28. *Mamoas 4 de «Outeiro de Gregos»*: D.J. Cruz e M.J. Sanches, Escavação da Mamoa 4 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião), *Arqueologia*, 11, Porto, 1985, pp. 26-39. *Mamoas de «Trás-dos-Tapados»*: D.J. Cruz, *op. cit.* (vd. nota 1), p. 38 (monumento nº 19). *Mamoas 1 da «Abogalheira»*: A.M.C. Leite da Cunha e E.J. Lopes da Silva, Escavação da Mamoa 1 da Abogalheira (Serra da Aboboreira — concelho de Amarante), «Trabalhos do G.I.A.N.», nº 1, Porto, 1982. *Anta de «Chã de Parada»*: V.O. Jorge e A.M.S. Bettencourt, Sondagens arqueológicas na Mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 17, Porto, 1988, pp. 73-118. *Mamoas de «Mina do Simão»*: V.O. Jorge, Escavação da Mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira — Amarante), *Arqueologia*, 9, Porto, 1984, pp. 3-21. Os monumentos do «Alto do Loureiro», 1 e 2 de «Chã de Carvalho», escavados pelo autor, encontram-se inéditos; sobre a Mamoa 1 de «Chã de Carvalho» foi publicada uma notícia preliminar: Escavação da Mamoa 1 da Chã de Carvalho — Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, 7, Porto, 1983, pp. 74-75. Para os monumentos da Serra do Alvão e da Serra da Padrela veja-se a bibliografia citada no nosso trabalho mencionado na nota 12. Os dólmenes de corredor (Zedes, Vilarinho da Castanheira, Alijó, Lamoso, Madorras 1, Barrosa) são devidamente referenciados em capítulo adiante, dedicado à arte megalítica. A cista megalítica de S. Bento das Peras (Vizela), foi publicada por M.F. Coelho F.S. e Sousa, O Monte de S. Bento das Pedras — Vizela (primeiros dados arqueológicos), *Arqueologia*, 13, Porto, 1986, pp. 188-193.

Em algumas situações o *tumulus* é ainda valorizado com a implantação, na sua parte média, de um círculo lítico, constituído por blocos ou lajes de média e grande dimensão e, por vezes, de granito de tipo diferente do utilizado na cobertura superficial das terras que o constituem (Mamoia 1 de «Chã de Carvalhal»; Mamoia 1 de «Outeiro de Gregos»; Mamoia 1 da «Abogalheira», Serra da Aboboreira, Amarante). Também este elemento terá um carácter ornamental e/ou simbólico.

Há, assim, uma grande variedade de soluções na construção da mamoa, intimamente ligada ao tipo e dimensão da estrutura funerária existente no seu interior, a factores de ordem geográfica (características do terreno, maior ou menor declive da superfície de implantação do megálito, etc.) e geológica (disponibilidade de matéria-prima) e, sobretudo, ao momento cronológico-cultural.

De facto, a amostragem é reduzida (monumentos estudados), mas patenteia uma realidade diversa, conquanto os monumentos surjam aos olhos do investigador sob formas muito semelhantes.

### 3.2. O sepulcro

Ao nível da câmara funerária assinala-se também uma grande diversidade. Predominam as câmaras simples, de planta poligonal ou rectangular, fechadas ou com abertura lateral, por vezes marcada com dois esteios em forma de pilar.

O espaço sepulcral é limitado e assume a forma mais generalizada do pequeno dólmen, ou de cista megalítica (S. Bento das Peras, Serra da Penha, Vizela) diferindo esta daquele pela disposição dos esteios, justapostos topo a topo e fincados no solo segundo o lado maior, conferindo-lhe o aspecto de «caixa», de paredes baixas, de planta rectangular ou sub-rectangular.

Em muito menor número temos ainda os grandes dólmenes: de planta poligonal, tendencialmente circular (Dólmen de Zedes, Carrazeda de Ansiães; Anta da «Fonte Coberta», Alijó), e alargada, como é o caso da Anta de «Chã de Parada» (Serra da Aboboreira, Baião) e do Dólmen de Lamoso (Paços de Ferreira).

O acesso ao espaço sepulcral é feito por um corredor, curto, bem diferenciado da câmara, quer em alçado, quer em planta («Pala da Moura», Carrazeda de Ansiães; Anta de «Chã de Parada», Baião; Dólmen de Lamoso, Paços de Ferreira), formado por dois ou mais esteios de cada lado, dispostos paralelamente, ou por um esteio e um pilar terminal, como no já referido monumento de «Pala da Moura».

Outros monumentos, como o dólmen de Zedes (Carrazeda de Ansiães) e a Anta da «Fonte Coberta» (Alijó) apresentam apenas a definição da entrada da câmara através da colocação de duas lajes, baixas, assentes no solo segundo o lado maior, à entrada. Esta solução, mais simbólica que construtiva, que também se encontra em alguns dólmenes, poucos, da Beira Alta<sup>14</sup>, coloca, contudo, algumas questões ligadas à sua

<sup>14</sup> Nomeadamente nos monumentos de «Pedra de Arca do Espírito Santo» (Serra do Caramulo), «Anta de Pêro Moço» (Guarda) e nos dólmenes 1 e 2 de «Chã de Lameiras» (Penedono).

funcionalidade e articulação com a mamoa, se considerarmos que estes monumentos seriam cobertos, total ou parcialmente, por uma mamoa de terra, cujos vestígios, nestes dois dólmenes, ainda são visíveis<sup>15</sup> (Fig. 3).

Num grupo distinto integram-se alguns outros monumentos em que a câmara não se diferencia do corredor, i.e., este vai-se alargando, gradualmente, no sentido da câmara. Não é, contudo, perfeitamente claro, devido ao estado da conservação dos monumentos, se esta indiferenciação, que hoje é observável em planta, existia originalmente também ao nível da altura dos esteios (Dólmen da Barrosa, Âncora).

A cabeceira destes dólmenes é formada por uma grande laje, sobre a qual se apoiam todos os outros esteios, por sobreposição sucessiva. É excepção o dólmen da «Pala da Moura» (Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Ansiães), cuja cabeceira se reparte por dois esteios, um dos quais em forma de pilar, justapostos. Esta solução parece ser também a verificada no Dólmen de Lamoso (Paços de Ferreira)<sup>16</sup>, com um esteio central, largo, e provavelmente dois esteios mais estreitos, ladeando aquele, aproximando-se, neste aspecto, de alguns dólmenes da Beira Alta<sup>17</sup>.

Os esteios que constituem as câmaras funerárias, simples e de corredor, normalmente de granito, são colocados directamente sobre o solo original, ou encaixados em buracos abertos para esse efeito; não raro se utilizam blocos e lajes como calços. Exteriormente apresentam um contraforte, quer na câmara como no corredor, de envergadura variável mas proporcional às dimensões do monumento, que lhes é adossado.

As câmaras funerárias são, por vezes, lajeadas, como refere o P.<sup>o</sup> José Brenha relativamente ao monumento nº 8 do núcleo de «Chã de Arcas» (Serra do Alvão, V.<sup>a</sup> Pouca de Aguiar)<sup>18</sup>, ou como foi detectado na Mamoa do «Alto do Loureiro» e na Mamoa da «Mina do Simão» (Serra da Aboboreira, Amarante).

A entrada do corredor seria fechada com uma pequena laje, delgada, colocada transversalmente, à qual se associava, por vezes, uma estrutura complexa de pedras, já

<sup>15</sup>Cfr. J.R. dos Santos Júnior, *Pinturas megalíticas* (op. cit. na nota 5); J.M. Cotelto Neiva, O dólmen da Fonte Coberta (na Chã de Alijó), *Boletim da Associação de Filosofia Natural I* (5), Lisboa, 1938, pp. 61-82. A existência deste tipo de «entrada» em monumentos do Norte de Portugal e da região Centro, com um carácter, aparentemente, simbólico, coloca a possibilidade de este tipo de monumentos não terem sido totalmente envolvidos quer pelo contraforte, como pelas terras do *tumulus*; talvez, nestes casos, a área fronteira à entrada do dólmen permanecesse livre, formando um «átio» de acesso. Mas, de facto, não existem dados suficientes (obtidos a partir de escavações) que nos permitam averiguar o verdadeiro significado e funcionalidade destas lajes, largas e muito baixas, colocadas à entrada dos grandes dólmenes.

<sup>16</sup>De facto pensamos que este monumento, que apresenta uma câmara larga (2,80x2,30 m) e corredor curto (± 3 m) teria originalmente uma câmara de 10 esteios. Os trabalhos realizados por A. A. Tavares permitiram a detecção, apenas, de 9 esteios, mas a planta publicada permite considerar a hipótese da falta de um esteio, em forma de pilar, ladeando a laje de cabeceira. Vd. A.A. Tavares, Revisão de escavações incompletas (Orca do Seixinho e Dólmen de Lamoso), *Lucerna*, V, Porto, 1966, pp. 420-424.

<sup>17</sup>Na Beira Alta, esta solução encontra-se, por exemplo, na «Casa da Orca» (Cunha Baixa, Mangualde), «Lapa do Repilau» (Couto de Cima, Viseu), «Casa da Moura» (Carvalhal da Louça, Seia), «Orca de Cortiçô de Algodres» (Fornos de Algodres).

<sup>18</sup>Cfr. J. Brenha, Dólmenes ou antas no concelho de Villa Pouca d'Aguiar, *Portugália*, I, Porto, 1898, p. 696.

no exterior do corredor (Mamoia 1 de «Madorras», Sabrosa; Anta de «Chã de Parada», Baião), mas que poderá estar relacionada com o momento final de utilização do sepulcro<sup>19</sup>.

Por último, e concluindo a análise dos elementos pétreos deste tipo de monumentos, será de referir que o dólmen é coberto por uma única laje, de grandes dimensões, para cuja colocação concorria não só o «engenho» e a «arte» dos construtores, como técnicas de construção apuradas, nas quais se deve incluir a própria mamoa, funcionando como rampa para a sua deslocação. O corredor é igualmente coberto por lajes, mais pequenas, e os pequenos dólmens possuiriam também uma tampa, amovível, sendo fechado.

### 3.3. Outras estruturas, tumulares e/ou rituais

Sob a forma exterior de mamoa existem ainda estruturas construídas em pedra (pequeno «cairn», seg. V.O. Jorge), como é o caso da Mamoa 5 de «Outeiro de Gregos» (Serra da Aboboreira, Baião), monumento que não continha qualquer construção megalítica, e da Mamoa 4 de «Meninas do Crasto» (Serra da Aboboreira, Baião), também um «cairn», delimitado exteriormente por grandes lajes fincadas, que possuiria, na sua área central, uma estrutura que não foi possível determinar<sup>20</sup>.

É ainda o caso da Mamoa 2 de «Chã de Santinhos» (Serra da Aboboreira, Marco de Canaveses), um *tumulus* «clássico», em terra e recoberto superficialmente por uma camada de pedras, que apresentava, na sua área central, uma fossa escavada no saibro, cujo espaço era dividido por um esteio colocado transversalmente<sup>21</sup>.

Os «cairns» são construções tardias, situáveis na 1ª metade do II milénio a.C., enquanto que a fossa sob *tumulus* parece ser contemporânea dos dólmens simples. Decerto relacionar-se-ão com práticas funerárias, ou apenas rituais (como poderá ser o caso da fossa existente sob a Mamoa 2 de «Chã de Santinhos»), diversas das da tumulação em dólmens simples<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> Cfr. V.O. Jorge e A.M.S. Bettencourt (vd. nota 13). Em recentes trabalhos, realizados na «Lapa do Repilau» (Couto de Cima, Viseu), foi também assinalada a existência de uma laje, de granito, pouco espessa, que impedia o acesso ao espaço sepulcral, embora não se tenha registado, como nos referidos monumentos do Norte de Portugal, a estrutura de pedras fronteira ao corredor.

<sup>20</sup> V.O. Jorge, A Mamoa 5 de Outeiro de Gregos, um «tumulus» não megalítico da Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, 6, Porto, 1982, pp. 32-39; *idem*, Escavação das Mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto, Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, 7, Porto, 1983, pp. 23-39.

<sup>21</sup> V.O. Jorge, Les tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, 12, Porto, 1985, pp. 96-128.

<sup>22</sup> É difícil definir a funcionalidade deste tipo de monumento (caso único em todo o Norte de Portugal) que é, em princípio, contemporâneo do dólmen, de câmara poligonal fechada, que se situa a escassos 26 metros. Se, por um lado, se pode formular a possibilidade de um certo polimorfismo arquitectónico, por outro, poder-se-á colocar a hipótese da existência de outras estruturas relacionadas com o ritual funerário. Os monumentos megalíticos deste período (3500-3000 anos a.C.) são tidos por túmulos colectivos mas, na verdade, o espaço útil de cada câmara funerária é muito reduzido. Tratar-se-á de uma inumação primária ou



São também de considerar, neste contexto, os indícios e vestígios que apontam para a existência de construções anexas aos túmulos. Algumas mamoaas têm revelado, nas proximidades da câmara funerária, buracos abertos no saibro, bastante regulares (Mamoa 4 de «Outeiro de Gregos»), vestígios de construções integradas no próprio monumento (Mamoa 1 de «Outeiro de Gregos»), ou implantadas na sua proximidade (Mamoa 2 de «Outeiro de Gregos»)<sup>23</sup>.

A informação disponível, em alguns casos muito fragmentária, é de difícil interpretação, mas estes indícios poderão, talvez, relacionar-se com construções, feitas em materiais perecíveis — que existiriam sobre os próprios dólmenes, anexas aos monumentos, prolongando-os para o exterior, ou implantadas periféricamente — de cariz ritual, ou/e religioso<sup>24</sup>.

#### 1.4. Os menires

Os monumentos megalíticos de tipo menir, cujo significado e cronologia são difíceis de determinar, são raros no Norte de Portugal, situação que, aliás, também se regista na região Centro, com um pequeno número de monumentos inventariado<sup>25</sup>, em contraste com o Sul do país<sup>26</sup>.

Na área considerada neste texto são de assinalar o *Marco de Luzim* (Peroselo, Penafiel), monólito de granito, de secção subpentagonal, com cerca de 2,50 m de altura,

---

secundária (deposição apenas de alguns ossos)? A elevada acidez dos solos desta região, infelizmente, não permitiu a conservação dos documentos que nos ajudariam a responder a esta questão. Será que a fossa sob *tumulus* de «Chã de Santinhos», cuja estratigrafia indica uma certa sucessão de camadas (vd. V.O. Jorge, *op. cit.* na nota 21, pp. 115-116) está relacionada com a fase inicial do ritual, sendo depositados no dólmen apenas alguns ossos, funcionando, neste caso, como ossuário? São interrogações para as quais não temos ainda resposta; neste contexto será aqui de recordar que, na Chã de «Outeiro de Gregos», nas proximidades de 2 dólmenes simples, de câmara provavelmente fechada, foi também localizada e escavada uma fossa, sem *tumulus*, cuja funcionalidade e relação com aqueles monumentos não foi possível definir perfeitamente. É certo que esta fossa poderá relacionar-se com um possível *habitat* mas também aqui podemos formular a hipótese de uma ligação com os monumentos funerários que se situam nas proximidades. Sobre esta fossa da Chã de «Outeiro de Gregos» veja-se, V.O. Jorge, Nótula sobre a fossa aberta no saibro de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Arqueologia*, 1, Porto, 1980, pp. 19-24.

<sup>23</sup> Cfr. D.J. Cruz e M.J. Sanches, *op. cit.* (vd. nota 13); V.O. Jorge, Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião), *Portugália*, nova série, I, Porto, 1980, pp. 9-28; *idem*, Sobre uma estrutura situada na periferia da Mamoa 2 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Arqueologia*, 2, Porto, 1980, pp. 19-24.

<sup>24</sup> Estes indícios alertam-nos para a necessidade de a escavação não se circunscrever apenas ao monumento propriamente dito mas a toda a área envolvente.

<sup>25</sup> Vide A. Girão, *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

<sup>26</sup> Vide H. L. Pina, Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Coimbra, 1971, pp. 151-162; J.P. Pires Gonçalves, Menhires de Monsaraz, *Arqueologia e História*, 9ª série, II, Lisboa, 1970, pp. 151-176; J.P. Monteiro, M.V. Gomes, Menires do Algarve, *Actas del XV Congreso Nacional de Arqueologia*, Zaragoza, 1979, pp. 355-374.

disposto no terreno em posição vertical<sup>27</sup>, e o *Menir de S. Paio de Antas* (Antas, Esposende), bloco granítico, de secção subelíptica, medindo, aproximadamente, 1,70 m de altura, implantado no terreno com uma ligeira inclinação para Sul<sup>28</sup>. Ambos se situam na proximidade de mamoaos.

Outros dois monumentos, recentemente estudados — de mais difícil atribuição cronológico-cultural, porque sem contextos arqueológicos evidentes — são de referenciar: o monólito de *S. Bartolomeu do Mar* (S. Bartolomeu do Mar, Esposende) e a «*Estátua-menir*» da Bouça (Bouça, Mirandela) (Fig. 4).

O primeiro situa-se num terraço de praia de 15-25 m de altitude, a cerca de 750 m de distância da linha de costa, e tem 2,10 m de altura e secção subtriangular, apresentando-se seccionado na parte superior<sup>29</sup>; o segundo, também de granito, com 2,45 m de altura e secção, na sua parte média, plano-convexa, tem configuração fálica<sup>30</sup>.

O menir de S. Bartolomeu do Mar surge, no meio de campos agriculturados, isolado; apresenta, como atributos mais notáveis, insculpidas na suas «faces», dois conjuntos de covinhas, e outras, mais dispersas, num total de dezanove<sup>31</sup>.

Já a «*Estátua-menir*» da Bouça foi recolhida fora do seu contexto original, nas proximidades de Mirandela; o seu aspecto fálico, lembrando alguns exemplares do Sul de Portugal, é indicador da reutilização de um antigo menir<sup>32</sup>.

Outras pedras fincadas, uma ou outra vez classificadas como menires, como o de Turrinheiras (Cabeceiras de Basto) e o Penedo Longo (Amarante), não são mais que formações naturais, embora curiosas<sup>33</sup>.

#### 4. A ARTE MEGALÍTICA

Numa região em que o megalitismo tem uma expressão significativa, não são numerosos os monumentos com pinturas e/ou gravuras.

<sup>27</sup> J.R. dos Santos Júnior e J.M. Aguiar, O menir de Luzim (Penafiel), *Congresso do Mundo Português*, Lisboa, I, 1940, pp. 209-217; F. Lanhas e D. de Pinho Brandão, Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico, *Revista de Etnografia*, IV (2), Porto, 1965, pp. 275-323.

<sup>28</sup> C.A. Brochado de Almeida, *O menir de S. Paio de Antas (Esposende)*, Antas-Esposende, Associação Recreativa e Cultural de Antas, 1979; V.O. Jorge, Menhirs du Portugal, in *L'Architecture mégalithique*, Vannes, Société Polymathique du Morbihan, 1977, pp. 99-124.

<sup>29</sup> V.O. Jorge, A.M. Baptista e A.H. Bacelar Gonçalves, Menir de S. Bartolomeu do Mar (Esposende), *Boletim Cultural de Esposende*, 9-10, Esposende, 1986, pp. 12-20.

<sup>30</sup> Sobre a descoberta deste monumento veja-se o resumo da comunicação de F. de Sande Lemos e A.M. Baptista apresentada à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, em sessão científica de 12 de Junho de 1985, publicado na revista *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 25 (2-4), Porto, 1985, p. 442. O seu estudo foi realizado por Maria de Jesus Sanches e Vítor Oliveira Jorge. Vd., destes autores, A «*Estátua-menir*» da Bouça (Mirandela), *Arqueologia*, 16, Porto, 1987, pp. 78-82.

<sup>31</sup> É ainda referido pelos autores do trabalho de levantamento (V.O. Jorge, *et alii*, *op. cit.*), o carácter antropomórfico do monólito mas que, na verdade, não nos parece muito evidente.

<sup>32</sup> M.J. Sanches e V.O. Jorge, *op. cit.*

<sup>33</sup> C. Teixeira, Notas sobre algumas construções megalíticas minhotas, *Revista de Guimarães*, 58 (1-2), Guimarães, 1948, p. 111; V.O. Jorge, *op. cit.* (vd. nota 9), p. 444.

Estas manifestações assinalam-se, principalmente, nos dólmenes de corredor. Os seus vestígios são hoje muito ténues, pelo que é difícil, senão mesmo impossível, face ao estado actual de acelerada degradação em que se encontram, um reestudo dos levantamentos antigos, realizados, muitas vezes, segundo critérios e métodos bem díspares dos actuais<sup>34</sup>.

Pinturas e gravuras, por vezes associadas no mesmo megálito, mas cuja contemporaneidade é difícil de estabelecer, foram referenciados nos seguintes monumentos:

### Distrito do Porto

#### *Dólmen do Padrão* (Baltar, Paredes)

Dólmen de câmara poligonal e corredor curto.

Este monumento foi visitado, em 1926, por A. Mendes Corrêa, tendo então recolhido seis fragmentos de esteios, decorados com linhas onduladas e uma figura antropomórfica, motivos pintados a vermelho e a preto<sup>35</sup>.

Numa segunda visita, realizada nos finais da década de 30, este investigador descobriu novos fragmentos, também pintados a vermelho e a preto, decorados com motivos semelhantes aos dos esteios anteriores, destacando-se as «linhas sinuosas, alguns sinais pontuados, e especialmente uma figura astral»<sup>36</sup>.

No Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto encontram-se depositadas duas pedras, de proveniência desconhecida, cujas figurações se identificam com os motivos descritos por A. Mendes Corrêa<sup>37</sup>.

É muito provável que estes dois esteios pintados provenham do Dólmen do

<sup>34</sup> Em rigor, o investigador deste domínio está hoje limitado aos levantamentos realizados por V. Leisner (*op. cit.* na nota 8) e de E. Shee Twohig, *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press, 1981.

<sup>35</sup> O Dólmen do Padrão foi estudado por A. Mendes Corrêa, que dele publica a planta e os fragmentos de esteios pintados que então recolheu. Cfr. A. Mendes Corrêa, *op. cit.* (nota 5). E. Shee, no seu trabalho sobre a arte megalítica da Europa Ocidental, reestuda as figurações dos esteios identificados por aquele investigador com as letras C, D, E e F, precisando alguns pormenores. Cfr. E. Shee Twohig, *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press, 1981, fig. 29.

<sup>36</sup> Comunicação apresentada por A. Mendes Corrêa à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, em sessão científica de 22 de Dezembro de 1938, intitulada «Novas pinturas do dólmen de Baltar», cujo resumo, exarado em acta, se transcreve:

«... O Prof. Mendes Corrêa fez a sua comunicação (...) expondo que no dólmen de Baltar, em que já havia registado em 1926 uma série curiosa de pinturas pré-históricas, foi possível encontrar agora uma nova série de pinturas em fragmentos de esteios, que uma lamentável extracção de pedra no dólmen veio revolver no interior do *tumulus*. Nas pinturas já publicadas pelo conferente, há anos, havia linhas onduladas, uma representação esquemática de figura humana, etc. Eram a vermelho e a negro. As pinturas agora descobertas são também nas mesmas cores, e compreendem numerosas linhas sinuosas, alguns sinais pontuados, e especialmente uma figura astral ou solar...» — «Livro de Actas», nº 2, fl. 79.

<sup>37</sup> Estes dois fragmentos de esteios foram publicados por E. Shee Twohig, *op. cit.*, p. 159 e fig. 69. Esta investigadora intui que a sua proveniência seja o Norte de Portugal ou a Beira Alta.

Padrão, recolhidos por Mendes Corrêa quando da sua segunda deslocação a Baltar. De facto, a descrição que este investigador delas fez na sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, permite a identificação de alguns motivos, nomeadamente os «sinais pontuados», a «figura solar» e as «linhas sinuosas»<sup>38</sup>. Não há, contudo, referência aos dois antropomorfos identificados por E. Shee, mas tal dever-se-á, talvez, às características destas duas figuras, que surgem ao observador, numa primeira análise, como manchas vermelhas envolvidas por pontos negros<sup>39</sup>, bem diferentes do antropomorfo identificado num dos fragmentos do primeiro conjunto recolhido por Mendes Corrêa, em 1926 — de pernas arqueadas e braços estendidos — mais facilmente identificável com uma figuração humana.

O facto de no mesmo monumento existirem antropomorfos executados segundo estilos diferentes não é, por outro lado, de estranhar. Tal situação assinala-se, por exemplo, na «Orca dos Juncais» (Queiriga, V<sup>a</sup> Nova de Paiva), no 2<sup>o</sup> esteio da câmara (cena de caça) e no 3<sup>o</sup> esteio do corredor, ambos do lado sul<sup>40</sup>.

Creemos que estes dois fragmentos provêm, de facto, do Dólmen do Padrão, embora com as necessárias reservas que uma investigação mais exhaustiva, quer técnica como documental esclarecerá, tanto mais que Mendes Corrêa procedeu a registos fotográficos e por desenho deste 2<sup>o</sup> grupo de fragmentos<sup>41</sup>, documentos que certamente será possível localizar no espólio daquele investigador, existente na Faculdade de Ciências do Porto<sup>42</sup>.

## Descrição:

### *Esteio 1* (Fig. 5)

Dimensões: 148x65–77x13 cm; fragmentado na parte superior e no lado esquerdo.

Decoração organizada em «painel», dividido em duas áreas por uma linha

<sup>38</sup> Vide nota 36.

<sup>39</sup> Os pontos pintados a preto terão sido interpretados por A. Mendes Corrêa, independentemente da figuração a vermelho, como «sinais pontuados». E. Shee (*op. cit.*) identifica-os com a representação dos pés, mãos e da cabeça de dois antropomorfos, cada um dos quais possuindo dois pontos, pintados a preto, sob os braços. A figuração humana bicromática (a vermelho e a preto) é comum noutros monumentos, nomeadamente da Beira Alta (*v.g.* Antelas).

<sup>40</sup> Aliás, os antropomorfos do 3<sup>o</sup> esteio do corredor da «Orca dos Juncais» (lado sul), cujo fragmento se encontra depositado no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, são semelhantes ao identificado por Mendes Corrêa no Dólmen do Padrão. O mesmo se poderá dizer relativamente aos antropomorfos da Anta 4 de Lubagueira (Couto de Cima, Viseu). Cfr. E. Shee Twohig, *op. cit.*, figs. 39 e 45).

<sup>41</sup> Na comunicação de A. Mendes Corrêa à S.P.A.E. (vd. nota 36), refere-se que «... o conferente, depois de apresentar várias projecções de fotografia e desenhos, conclue por fazer algumas considerações sobre a cronologia e interpretação presumíveis dos sinais referidos». — «Livro de Actas», nº 2, fl. 79 v.

<sup>42</sup> Dada a importância destes dois fragmentos pensamos retomar, em tempo próximo, o seu estudo mais exhaustivo.

horizontal, ondulada, a vermelho; tanto a área inferior (uma espécie de «rodapé» ocupando cerca de 1/4 da superfície total desta face do esteio), como a superior, são envolvidas, perifericamente, formando «moldura», por uma linha ondulada, a vermelho, interrompida no rebordo superior (fragmentado), mas de que ainda restam vestígios; no lado esquerdo e na área superior, paralela à linha periférica, dispõe-se uma 2ª linha, que se interrompe na linha horizontal definidora do «rodapé»; desta, para a área inferior, partem duas outras, também onduladas e a vermelho, que se ligam à linha basal.

A área central e superior do esteio é ocupada por duas possíveis figurações humanas, com os braços estendidos, cujo corpo é pintado a vermelho, e a cabeça, mãos, e pés, a preto; debaixo de cada braço, um ponto negro<sup>43</sup>.

Estes dois antropomorfos são encimados por uma figura circular radiada, a vermelho, numa representação de grande simbolismo.

#### *Esteio 2 (Fig. 6)*

Dimensões: 113x56x38 cm; fragmentado pela parte média, na base e no lado esquerdo.

Fragmento de esteio apresentando uma organização decorativa semelhante à do esteio 1<sup>44</sup>. Duas linhas paralelas, uma ondulada e outra recta, dividem a área inferior («rodapé») da área superior; destas duas linhas horizontais partiriam, perpendicularmente, seis linhas onduladas, dispostas paralelamente, duas a duas, de que restam alguns vestígios; o lado direito do fragmento é preenchido, perifericamente, por 3 linhas onduladas, em «moldura», prolongando-se as duas mais exteriores pela área inferior; a terceira interrompe-se na linha horizontal definidora da área basal.

A área central do esteio é preenchida por uma figuração subtriangular, definida por uma linha ondulada (lado maior) e três linhas descontínuas, paralelas, intercaladas por 3 linhas de pontos (lados menores); uma figura, também subtriangular, partindo da linha inicial (lado maior) insere-se no espaço central desta composição.

Os motivos descritos são pintados a vermelho, com excepção das linhas de pontos, que são a preto.

#### *Dólmen de S<sup>ª</sup> Marta (Portela, Penafiel)*

Dólmen de câmara e corredor indiferenciados<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> E. Shee Twohig, *op. cit.*, p. 159.

<sup>44</sup> Orientamos este fragmento de esteio diferentemente de E. Shee. De facto julgamos haver indícios suficientes que nos permitem pensar que se trata de um esteio seccionado pela sua parte média e fragmentado na base e no lado esquerdo. O espaço a pintar terá, assim, sido planeado semelhantemente ao do esteio anterior pelo que a descrição que dele fazemos não é coincidente com a daquela investigadora.

<sup>45</sup> Cfr. V.O. Jorge, Três dólmenes do distrito do Porto, *Arqueologia*, 8, Porto, 1983, pp. 103-109.

Neste monumento são assinalados por J.R. dos Santos Júnior «restos de pinturas», a vermelho, na «face interna dos esteios»<sup>46</sup>.

*Dólmen de Lamoso* (Lamoso, Paços de Ferreira)

Dólmen de câmara poligonal e corredor curto<sup>47</sup>.

Uma figura subtriangular, gravada na parte superior da laje de cabeceira, é referenciada por E. Shee<sup>48</sup>.

*Anta de Chã de Parada* (Ovil, Baião)

Dólmen de câmara poligonal larga e corredor curto<sup>49</sup>.

Neste monumento foram identificadas gravuras e vestígios de pinturas por Rui de Serpa Pinto<sup>50</sup>, mais tarde publicadas por J.R. dos Santos Júnior<sup>51</sup> e E. Shee<sup>52</sup>.

A laje de cabeceira apresentava vestígios de pinturas e 4 figurações de um motivo interpretado por E. Shee como representando um «objecto», semelhantes às do dólmen de Dombate, Espinaredo II e de Baiñas (La Coruña, Galiza)<sup>53</sup> e, em dois esteios da câmara, do lado norte, uma «face» oculada e uma figura raiada.

<sup>46</sup> Comunicação apresentada por J.R. dos Santos Júnior à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, em sessão científica de 21 de Julho de 1937, intitulada «Explorações pré-históricas no concelho de Penafiel», na qual se refere «... às visitas que em 1933 fez ao Castro de Croca e ao dólmen de Portela ou de St.<sup>ª</sup> Marta, tendo verificado que, neste último, as faces internas dos esteios da câmara apresentam vestígios de pinturas a vermelho, embora em mau estado de conservação» — «Livro de Actas», nº 2, fl. 71 v. Vide, do mesmo autor, *Arte Rupestre, Congresso do Mundo Português*, I, Lisboa, 1940, p. 346.

<sup>47</sup> A.A. Tavares, *op. cit.*, pp. 420-424.

<sup>48</sup> Cfr. E. Shee Twohig, *op. cit.*, pp. 146-147 e fig. 28. Relativamente a esta figura gravada esta investigadora manifesta algumas dúvidas quanto à sua antiguidade, embora considere que o motivo pode perfeitamente integrar-se na temática da arte megalítica peninsular, ainda que sem paralelos exactos.

<sup>49</sup> Cfr. G.K. Leisner, *op. cit.*, (vd. nota 6); V.O. Jorge e A.M.S. Bettencourt, *op. cit.*

<sup>50</sup> Descoberta comunicada à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, em sessão científica de 24 de Fevereiro de 1933, cujo resumo se transcreve:

«O Sr. Dr. Rui de Serpa Pinto fez a sua comunicação sobre as gravuras que descobriu num dólmen de Baião. A Casa dos Mouros é uma das antas mais perfeitas do Norte de Portugal, comparável à conhecida «Lapa dos Moiros» de Barrosa, Âncora. Situada na freguesia de S. João de Ovil, Baião, pertence a uma necrópole que do planalto da Chã de Parada se estende pela Serra da Aboboreira, tendo sido mencionada por J.A. Vieira e J. de Pinho. O interesse do monumento consiste em apresentar no seu interior pinturas e gravuras pré-históricas inéditas, relativamente raras e representando ídolos estilizados e figuras indeterminadas» — «Livro de Actas», nº 2, fl. 33.

Vide, também, Rui de Serpa Pinto, *As gravuras da Casa dos Moiros — Baião*. (Inéditos de Rui Serpa Pinto), *Arqueologia*, 9, Porto, pp. 125-127.

<sup>51</sup> *Op. cit.*, vd. nota 46.

<sup>52</sup> *Op. cit.*, vd. nota 35, pp. 147-148, fig. 30.

<sup>53</sup> Cfr. C. Perez Bustamente e S. Parga Pondal, *Notas de arqueologia préhistórica galaica. Los dolmens de Dombate e de la Gándara (Coruña)*, *Bol. de la Biblioteca Menendez y Pelayo, Santander*, n.º 6 e 7, 1924-1925, pp. 360-372 e 115-142; R. Sobrino Lourenzo-Ruza, *Megalíticos de Monte Corzan, Zephy-*

*Mamoa 3 de Chã de Parada* (Ovil, Baião)

Dólmen de câmara poligonal de oito (?) esteios, fechada (?)<sup>54</sup>. O monumento está implantado sobre uma pequena elevação natural, apresentando-se em posição dominante relativamente aos restantes monumentos situados nesta chã.

Rui de Serpa Pinto é o primeiro investigador que assinala neste monumento «restos de pinturas a vermelho, muito danificadas pelos líquenes»<sup>55</sup>. Após os trabalhos de escavação, que decorreram em 1982 e 1983, V.O. Jorge referencia, de novo, a existência de pinturas<sup>56</sup>, cujo levantamento e publicação será feito por Orlando de Sousa que identifica, num dos esteios, além de uma mancha informe, a vermelho, «cinco círculos, dois dos quais concêntricos», na mesma cor, e outras manchas, a preto<sup>57</sup>.

*Dólmen dos Arcos* (S. Pedro Fins, Maia)

Monumento destruído, cuja estrutura interna se desconhece.

Segundo J.R. dos Santos Júnior apresentava «vestígios de pinturas a vermelho, nuns pedaços de esteios»<sup>58</sup>.

## Distrito de Viana do Castelo

*Dólmen da Barrosa* (Âncora, Caminha)

Dólmen de câmara e corredor indiferenciados<sup>59</sup>.

Dois esteios, provavelmente do corredor, gravados com linhas onduladas e figuras em «U»; um terceiro esteio, gravado nas duas faces com os mesmos motivos, encontrava-se inserto entre o último esteio do corredor e o primeiro da câmara (lado norte)<sup>60</sup>.

---

rus, 6, 1953, pp. 177-186; E. Shee e M.C. Garcia Martinez, Três tumbas megalíticas decoradas en Galicia, *Trabajos de Prehistoria*, 30, 1973, pp. 335-348; E. Shee Twohig, *op. cit.*, pp. 29, 143-145, fig. 15, 16, 22 e 23.

<sup>54</sup> F. A. Pereira da Silva, Escavação da mamoa 3 de Chã de Parada — Serra da Aboboreira, Concelho de Baião, 1982-1983, *Arqueologia*, 11, Porto, 1985, pp. 39-50.

<sup>55</sup> Vide *op. cit.* (nota 50), p. 125.

<sup>56</sup> V.O. Jorge, Descoberta de pinturas megalíticas na Serra da Aboboreira, *Jornal Repórter do Marão*, nº 21, de 20 de Julho de 1985.

<sup>57</sup> Orlando de Sousa, As pinturas rupestres da Mamoa 3 de Chã de Parada — Baião, *Arqueologia*, 17, Porto, 1988, pp. 119-120.

<sup>58</sup> *Op. cit.* (vd. nota 5), Arte rupestre..., p. 346.

<sup>59</sup> J. de Castro Nunes, Escavações do dólmen da Barrosa (Âncora) — I, *Revista de Guimarães*, 61, 1951, pp. 196-204; *id.*, *ibidem*, II, 65, 1955, pp. 154-159.

<sup>60</sup> E. Shee Twohig, *op. cit.*, p. 146, fig. 27. Estes três fragmentos de esteios encontram-se depositados na Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

**Dólmen 1 de Chã de Cabanas** (Britelo, Ponte da Barca)

Dólmen de corredor.

Vestígios de pinturas e gravuras em vários esteios<sup>61</sup>.**Distrito de Vila Real****Dólmen da Fonte Coberta** (Chã, Alijó)Dólmen de câmara poligonal com «vestíbulo»<sup>62</sup>.Vestígios de pinturas no 3º esteio da câmara e gravuras (sulcos e covinhas), em dois outros esteios; a laje de cobertura (face exterior) apresenta também 4 covinhas<sup>63</sup>.**Mamoia 1 de Madorras** (Sabrosa, Vila Real)

Dólmen de câmara poligonal e corredor curto.

Vestígios de pinturas, na laje de cabeceira, e gravuras, em alguns esteios da câmara<sup>64</sup>.**Distrito de Bragança****Dólmen da «Pala da Moura»** (Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Ansiães)Dólmen de câmara poligonal e corredor curto<sup>65</sup>.

Vestígios de pinturas, a vermelho, na parte superior da laje de cabeceira,

---

<sup>61</sup> Vide resumo da comunicação apresentada pelos Drs. F. de Sande Lemos e A.M. Baptista à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, em sessão de 12 de Julho de 1985, intitulada «Descobertas recentes no âmbito do megalitismo do Norte de Portugal», publicado na revista *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 25 (1-4), Porto, 1985, p. 472.

<sup>62</sup> J.M. Coteló Neiva, O dólmen da Fonte Coberta (na Chã de Alijó), *Boletim da Associação de Filosofia Natural*, I (5), Lisboa, 1938, pp. 61-82.

<sup>63</sup> E. Shee Twohig, *op. cit.*, p. 117.

<sup>64</sup> A Mamoia 1 de Madorras (Serra da Azinheira, Sabrosa), encontra-se em escavação, desde 1983, pelo Dr. A. Huet de Bacelar Gonçalves, e é hoje um dos mais importantes monumentos megalíticos do Norte de Portugal. Na última campanha de trabalhos arqueológicos (1988), foram detectadas gravuras e pinturas nos esteios da câmara, além de outros importantes achados que aquele investigador revelou ao Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Set. de 1988) e de que se dá notícia neste volume de Actas. Agradecemos a este investigador a permissão concedida para a divulgação desta última descoberta, posterior à realização daquele Colóquio.

<sup>65</sup> Vd. planta publicada por V.O. Jorge, O Megalitismo do Norte de Portugal, in *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, «Trabalhos do G.E.A.P.», nº 3, Porto, 1979, pp. 83-101.



assinaladas por J. R. dos Santos Júnior e interpretadas por E. Shee como a representação de uma pele esticada de animal, ou de uma figura antropomórfica<sup>66</sup>.

*Dólmen de Zedes* (Zedes, Carrazeda de Ansiães)  
Dólmen de câmara poligonal e «vestíbulo»<sup>67</sup>.

Vestígios de pinturas e gravuras, nomeadamente no 2º esteio, decorado com linhas onduladas encimadas por um «báculo», e na laje de cabeceira (face externa), covinhas e sulcos<sup>68</sup>.

Três outros monumentos, entretanto destruídos e de que nunca se chegaram a executar levantamentos, são por vezes mencionados neste âmbito: uma mamoa, em Esposende, com 4 esteios «debuxados com vários caracteres e figuras»<sup>69</sup>, uma outra mamoa, em S. Julião do Freixo (Ponte de Lima), com pinturas<sup>70</sup>, e a anta do Folão (Póvoa de Varzim), com uma gravura<sup>71</sup>. De referir, ainda, que num dos dólmens de Frieiro (Vila Pouca de Aguiar), escavado pelos padres José Brenha e Raphael Rodrigues nos finais do século passado<sup>72</sup>, foi recolhida uma laje, medindo 1,10x0,84-0,55 m, insculturada com covinhas<sup>73</sup>, e que teria sido utilizada como pavimento da câmara funerária.

Este motivo, as covinhas, decora também 3 dos menires do Norte de Portugal: o Marco de Luzim, o menir de S. Bartolomeu do Mar e a «Estátua-menir» da Bouça; neste último monumento, de carácter fálico, os sulcos foram utilizados para definir a glande e, provavelmente em época posterior, uma figuração sub-rectangular existente no seu tronco<sup>74</sup>.

Os principais motivos desta arte são as linhas onduladas (Padrão, Barrosa, Zedes), os antropomorfos e uma figura circular radiada (Padrão), círculos concêntricos (Mamoa 2 de Chã de Parada), um motivo de difícil interpretação mas identificado com a representação de um «objecto», uma «face» oculada e uma figura raiada (Anta de Chã de Parada), uma mancha, interpretada como representando uma pele de animal esticada («Pala da Moura»), um possível báculo (Zedes), etc.

Nas pinturas predomina a cor vermelha.

Mas, na verdade, como acentua A. Leroi-Gourhan na sua vasta obra, os motivos

<sup>66</sup> J.R. dos Santos Júnior, *op. cit.* (nota 5); E. Shee Twohig, *op. cit.*, pp. 148-149, fig. 33.

<sup>67</sup> J.R. dos Santos Júnior, *op. cit.*, (vd. nota 5).

<sup>68</sup> E. Shee Twohig, *op. cit.*, p. 148, fig. 32.

<sup>69</sup> Jerónimo Contador de Argote, *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, I, Lisboa, 1732, p. 151.

<sup>70</sup> C.A. Brocado de Almeida, *op. cit.*, (vd. nota 28), p. 13 (nota infrapaginal 38).

<sup>71</sup> F.A. Martins Sarmiento, Aditamento à notícia arqueológica sobre o Monte da Cidade, de R. Severo e A. Cardoso, *Revista de Guimarães*, III, 1886, p. 142; J. Leite de Vasconcelos, Extractos da correspondência de F. Martins Sarmiento (1881-1883), *O Arqueólogo Português*, VI, Lisboa, 1901, p. 47.

<sup>72</sup> R. Rodrigues, Dólmens ou antas de Villa Pouca de Aguiar, *O Archeologo Português*, I, Lisboa, 1895, p. 349.

<sup>73</sup> J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, I, 2ª ed., Lisboa, 1987, pp. 358-359.

da arte pré-histórica devem ser vistos no seu espaço, não tendo sentido a sua individualização<sup>75</sup>; também, no domínio da arte megalítica, V.O. Jorge chamou a atenção para a «organização decorativa em painéis»<sup>76</sup>, bem evidente no Dólmen de Antelas (Oliveira de Frades, Viseu), no Dólmen da Fonte Coberta (La Coruña, Galiza) e, como cremos, no Dólmen do Padrão (Baltar, Porto).

Esta organização do espaço a decorar (câmara, ou câmara e corredor) e de cada ortostato (este é também dividido em várias áreas bem definidas), parecem indicar um prévio planeamento e uma ordenação interna dos diversos «quadros», que permitam uma «leitura» inteligível do conjunto.

O paralelismo, estilístico, técnico e temático, que é possível estabelecer entre os motivos e associações, apontam, por outro lado, para uma estreita relação, neste momento cronológico-cultural, entre as regiões da Beira Alta, do Norte de Portugal e da Galiza.

Esta arte funerária, expressa particularmente nos grandes dólmenes, traduz também um acentuado enriquecimento do espaço sepulcral propriamente dito, que é paralelo à monumentalização exterior, e que terá, certamente, explicação na complexificação do ritual funerário e comportamentos religiosos<sup>77</sup> e das relações sociais e económicas destas comunidades.

## 5. PROBLEMAS CRONOLÓGICOS

O espólio disponível, considerando o grande número de monumentos existentes no Norte de Portugal, é reduzido e estatisticamente pouco significativo<sup>78</sup>. O facto destes materiais, na sua maior parte, provirem de escavações antigas, e os monumentos terem chegado até nós profundamente remexidos, aliado à sua reutilização, dificultam o estabelecimento de uma cronologia relativa.

Não existem, também, datações de Carbono 14, exceptuando o conjunto de determinações radiocarbónicas, já numeroso, do «Conjunto Megalítico da Serra da Aboboreira». Contudo, face a um fenómeno tão diverso e de tão longa duração, não é aconselhável a generalização da cronologia dos monumentos da Serra da Aboboreira para toda a região do Norte de Portugal, geograficamente diversa. O megalitismo nesta região poderá, de facto, traduzir, ao nível peninsular, contactos e caminhos díspares,

<sup>75</sup> M.J. Sanches e V.O. Jorge, *op. cit.* (vd. nota 30).

<sup>76</sup> Veja-se deste autor, entre outros trabalhos, *Préhistoire de l'art occidental*, Paris, Hazenod, 1965; *Réflexions de méthode sur l'art paléolithique*, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 63 (1), 1966, pp. 35-45; *Considérations sur l'organisation spatiale des figures animales dans l'art pariétal paléolithique*, in *Actas del Simposium internacional de arte rupestre, Santander Simposium*, Santander, 1972, pp. 281-308.

<sup>77</sup> V.O. Jorge, *op. cit.*, (vd. nota 9), p. 837.

<sup>78</sup> Neste sentido talvez se possa falar, com L'Helgouach, em «templos funerários». Cfr. J. L'Helgouach, *Les sépultures mégalithiques en Armorique (dolmens à couloirs et allées couvertes)*, Rennes, 1965, p. 307.

<sup>79</sup> O espólio dos monumentos megalíticos do Norte de Portugal não é tratado neste texto. Salvo alguns, importantes, achados recentes, que na maior parte dos casos permanecem inéditos, não há muito a acrescentar ao que, nos últimos anos, tem sido expandido por diversos investigadores. Falta, por outro lado, um estudo exaustivo dos espólios depositados em diversos museus, muitos deles inéditos, particularmente

ainda não perfeitamente definidos.

### 5.1. Questões metodológicas

Relativamente às datações obtidas pelo processo de Carbono 14 há também que ter presente um conjunto de factores limitativos que obrigam, metodologicamente, à sua utilização criteriosa. Uns são inerentes ao próprio processo de datação<sup>79</sup>, outros ligam-se à especificidade das estações, às condições de recolha das amostras e à leitura estratigráfica.

No primeiro grupo serão de incluir as dificuldades que presidem à comparação de datações (data convencional + desvio padrão) — que são valores estimados — provenientes de laboratórios diferentes. De facto, estes valores são obtidos por processos complexos e diferente tecnologia, e os resultados obtidos manifestam uma certa variação de laboratório para laboratório. Estas variações são medíveis, por testagem, mas encontram-se determinadas para um pequeno número de laboratórios<sup>80</sup>.

A situação ideal seria a comparação de datas obtidas por processos, tecnologia e graus de precisão semelhantes, ou seja, realizadas no mesmo laboratório<sup>81</sup>, ou, na sua impossibilidade, a aplicação de testes estatísticos adequados a cada situação<sup>82</sup>.

---

no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Contudo, os trabalhos mais recentes, realizados na Serra da Aboboreira, no litoral minhoto e na província de Trás-os-Montes, têm proporcionado espólios significativos que permitem extrapolações, cronológicas e culturais, no contexto peninsular. Destacamos os materiais campaniformes, cerâmicos e metálicos, das mamoas 1 de «Chã de Carvalhal», de «Monte Maninho» e da Anta de «Chã de Parada» (na Serra da Aboboreira), da Mamoa 1 de Vale de Juros (na Serra do Castelo, Baião), da Mamoa de Chafé (Viana do Castelo), as 5 pontas de seta, de base triangular, com aletas ou o seu esboço, da Anta de «Chã de Parada» e os cerca de 20 micrólitos das mamoas de «Alto do Loureiro» e de «Igrejinhas» e, sobretudo, os fragmentos cerâmicos, com decoração de tipo «Bouquique», da Anta de «Chã de Parada» e da Mamoa 2 de «Furnas» (Serra da Aboboreira). Além da bibliografia citada ao longo deste texto, veja-se ainda, A.L. Carneiro, J. Cleto, M. Moreira, S. Faro, Novas mamoas no concelho de Baião, *Arqueologia*, 15, Porto, 1987, pp. 158-160; J. Cleto e S. Faro, Escavação da Mamoa de Igrejinhas (Marco de Canaveses — Serra da Aboboreira), *Arqueologia*, 17, Porto, 1988, pp. 44-57; E.J. Lopes da Silva, Escavação da Mamoa de Chafé — Viana do Castelo (Notícia preliminar), *Arqueologia*, 13, Porto, 1986, pp. 207-208.

<sup>79</sup> Sobre as dificuldades e limitações do processo de datação pelo Carbono 14 veja-se, entre outros, Ulrich Leute, *Archaeometry. An Introduction to Physical Methods in Archaeology and the History of Art*, Weinheim, VCH Verlagsgesellschaft, 1987 e, sobretudo, H. A. Polach, Radiocarbon dating as a research tool in archaeology: hopes and limitations, in *Scientific methods of research in the study of ancient Chinese and Southeast Asian metal artefacts: a symposium*, Melbourne, National Gallery of Victoria, 1976, pp. 255-298.

<sup>80</sup> Cfr. J.M. Peixoto Cabral e A. Monge Soares, Datação pelo radiocarbono. II — Sobre a estimação do verdadeiro valor das datas convencionais de radiocarbono e a comparação de duas datas, *Arqueologia*, 10, Porto, 1984, pp. 89-99; J. Klein, J.C. Lermann, P.E. Damon, E.K. Ralph, «Calibration» des dates «radiocarbones», *Revue d'Archéométrie* (suppl.), Rennes, 1983, pp. 3-46.

<sup>81</sup> Cfr. G.K. Ward e S.R. Wilson, Procedures for comparing and combining radiocarbon age determinations: a critique, *Archaeometry*, 20 (1), Oxford, 1978, pp. 19-31.

<sup>82</sup> Nomeadamente para as datas diferentes obtidas a partir da mesma amostra e para as datas, presumivelmente do mesmo contexto cultural mas obtidas com amostras diferentes. Cfr. Ward & Wilson, *op. cit.*, (vd. nota anterior) e, dos mesmos autores, Evaluation and clustering of radiocarbon age determinations: procedures and paradigms, *Archaeometry*, 2 (1), Oxford, 1981, pp. 19-39.

É também importante realçar o facto de nem sempre os arqueólogos valorizarem suficientemente o desvio padrão de cada determinação radiocarbónica, e este relativiza, por vezes com grande amplitude (consoante os graus de probabilidade), os limites inferior e superior de uma data convencional<sup>83</sup>.

A conversão das datas de Carbono 14 para o calendário solar traduz-se numa acumulação de erros: uns, inerentes ao próprio método de datação, outros, ligados à determinação das curvas dendrocronológicas<sup>84</sup>.

O processo de recolha das amostras e a definição do seu contexto arqueológico é complexo e várias situações, no que concerne aos monumentos megalíticos, deverão ser consideradas e suficientemente valorizadas:

- a) amostras provenientes das terras que constituem o *tumulus* do monumento;
- b) amostras recolhidas no «solo» antigo enterrado;
- c) amostras recolhidas nos sedimentos do espaço sepulcral e do corredor de acesso;
- d) amostras recolhidas nas estruturas arqueológicas existentes no *tumulus* ou no «solo» antigo enterrado.

Relativamente às datações obtidas com carvões recolhidos nas terras do *tumulus*, a experiência da Serra da Aboboreira tem-nos mostrado que são de difícil utilização<sup>85</sup>, e só um conjunto significativo, partindo do princípio que as terras do *tumulus* se encontram *in situ*, nos permitirá valorizar o subconjunto das mais recentes, indicador, provável, do momento *post quem* da construção do monumento. Esta situação não é de estranhar, se considerarmos o carácter heterogéneo das terras que compõem esta parte do monumento megalítico<sup>86</sup>.

As amostras recolhidas no «solo» antigo enterrado, subjacente ao monumento, obrigam também a uma cuidada utilização, mas as suas limitações são de ordem diferente.

Estes «solos», que ficaram soterrados com a construção do megálito, apresentam-se, normalmente, em posição subsuperficial<sup>87</sup>. O horizonte A de um solo não é,

<sup>83</sup> Neste sentido, a definição de cronologias muito curtas com base apenas nas datações radiocarbónicas, apresenta-se problemática e de validade muito discutível.

<sup>84</sup> Sobre os problemas específicos da fixação das curvas dendrocronológicas e calibração das datas convencionais veja-se, entre outros, C. Renfrew e R.M. Clark, Problems of the radiocarbon calendar and its calibration, *Archaeometry*, 16 (1), Oxford, 1974, pp. 5-16.

<sup>85</sup> Apenas como exemplo, referimos as 4 datações da mamoa 3 de «Outeiro de Ante» (Serra da Aboboreira, Baião), realizadas no mesmo laboratório com amostras provenientes das terras do *tumulus* do monumento, que forneceram os seguintes valores: Gif-4857:5780 ±80 anos BP, Gif-4858:5540 ±90 anos BP, Gif. 4856:4800 ±80 anos BP, Gif-4859:4090 ±120 anos BP.

<sup>86</sup> O *tumulus* destes monumentos é constituído por terras de origem diversificada, recolhidas na periferia do monumento; umas são mais superficiais, e incluirão carvões mais recentes, outras, mais profundas e, naturalmente, conterão carvões que datarão contextos anteriores à construção do monumento, porventura não arqueológicos.

<sup>87</sup> Cfr. R. Pinto Ricardo e M.A.V. Madeira, Informação pedológica acerca da Mamoa do «Monte da Olheira» (Serra da Aboboreira — Baião), *Arqueologia*, 13, Porto, 1986, pp. 140-143.

nestes «paleossolos», claramente distinguível, ou porque as terras que o constituíam fossem pouco significativas, ou, então, porque estas, mais escuras, porque mais húmidas, ter-se-ão misturado e diluído nas terras da mamoa, sendo tal situação arqueologicamente difícil de determinar e, assim, poderá o arqueólogo recolher amostras não do limite superior do «solo», mas de um nível mais profundo, em princípio cronologicamente correspondente a um momento anterior ao da construção do monumento, ou então, das terras do *tumulus*, cuja valorização apresenta grandes dificuldades.

Neste contexto é ainda de considerar a possibilidade de estes «solos» terem sofrido uma «decapitação» do seu horizonte superficial, como parecem indicar as últimas análises realizadas no âmbito da Pedologia, provocada pelos construtores tendo em vista a preparação do sítio para a erecção do monumento<sup>88</sup>. Por outro lado, a deslocação de grandes esteios, muitas vezes pesando 3 ou 4 toneladas, certamente que provocava remeximentos nas terras do solo original.

Mais seguras são as datações obtidas com carvões do «solo» antigo quando este se apresenta perfeitamente separado das terras do *tumulus*, seja por uma camada de saibro, acidentalmente ali colocada quando da sua construção, com a abertura dos buracos de assentamento dos esteios da câmara funerária, seja com a regularização do piso da câmara<sup>89</sup>. A desflorestação do sítio, através de queimada, é também um bom indicador do limite superior do «solo» antigo existente sob as terras da mamoa<sup>90</sup>.

Há ainda indícios de alguns destes monumentos terem sido construídos sobre locais de habitação, que poderão ser historicamente contemporâneos dos monumentos, ou muito anteriores. É o caso, por exemplo, das mamoas de «Monte da Olheira», cujo «solo» antigo, bem como as terras do *tumulus*, revelaram um teor elevado de fósforo «assimilável»<sup>91</sup>, da Mamoa 1 de «Outeiro de Ante», onde se regista uma situação semelhante<sup>92</sup>, justificável, talvez, pela utilização destes sítios como *habitats*, da Mamoa das «Furnas»<sup>93</sup>, e da Mamoa da «Lavra»<sup>94</sup>, etc., que forneceram materiais nas terras da mamoa e do «paleossolo», provavelmente relacionados com a utilização anterior dos sítios.

Neste contexto, é por vezes difícil definir com clareza se as lareiras estruturadas que se encontram ao nível do «solo» soterrado são, ou não, muito anteriores à

<sup>88</sup> Cfr. R. Pinto Ricardo e M.A.V. Madeira, Considerações de índole pedológica acerca da Mamoa 1 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira — Baião), *Arqueologia*, 17, Porto, 1988, pp. 179-189.

<sup>89</sup> São vários os monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira que apresentam este nível de saibro. Referimos, como exemplo, a Mamoa de «Monte da Olheira» e a Mamoa 1 de «Outeiro de Ante».

<sup>90</sup> A realização de queimadas, que se traduz, arqueologicamente, na presença de uma camada pouco espessa de terra carbonosa, assinala-se, entre outros, nas mamoas de «Mina do Simão» e 4 de «Chã de Parada» (vd. bibliografia citada na nota 13 e, V.O. Jorge e M.M. Moreira, Escavação da Mamoa 4 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 16, Porto, 1987, pp. 40-50.

<sup>91</sup> Vide R. Pinto Ricardo e M.A.V. Madeira, *op. cit.* na nota 87.

<sup>92</sup> Vide, *op. cit.* na nota 88.

<sup>93</sup> Cfr. V.O. Jorge, As Mamoas de Fumas (Serra da Aboboreira), *Arqueologia*, 16, Porto, 1987, pp. 19-39.

<sup>94</sup> Monumento escavado pelo autor, no Verão de 1987 (rel. não publicado). As terras do «paleossolo» forneceram material cerâmico que aponta para uma utilização anterior do sítio.

construção do monumento.

Outros factores, não menos importantes, deverão ser considerados na utilização das datas radiocarbónicas: a migração dos elementos lenhosos, particularmente quando se trata de datações obtidas por espectrometria de massa, o transporte destes materiais, provocados por agentes exteriores (eólicos, pluviais, etc.), o revolvimento das terras do «solo» antigo provocado pelos construtores, os remeximentos de origem antrópica, antigos e recentes, e de origem animal, as infiltrações de raízes<sup>95</sup>, a homogeneidade das amostras<sup>96</sup>, etc.

Os carvões recolhidos na câmara funerária ligam-se a outro tipo de limitações, próprias da generalidade das estações arqueológicas: remeximentos contemporâneos do período de utilização do monumento (que pode, por vezes, ser muito longo), reutilizações tardias (por vezes bastante distanciadas do primeiro momento de utilização), violações recentes, etc. A definição de cada uma destas situações nem sempre se afigura tarefa fácil.

## 5.2. O Conjunto Megalítico da Serra da Aboboreira

As escavações realizadas, nestes últimos dez anos, nos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira, permitem-nos definir, para este espaço sepulcral concreto, 5 tipos de monumentos:

- a) o dólmen simples, de câmara poligonal fechada, provido de *tumulus* em terra, recoberto superficialmente por uma «couraça» pétreia, com um espaço sepulcral muito limitado; a câmara funerária apresenta-se contrafortada e a mamoa, cujo diâmetro varia entre 8 e 15 metros, poderá inserir, na sua parte média, um círculo lítico, de carácter simbólico (Mina do Simão, Monte da Olheira, Meninas 2, Chã de Parada 4, Chã de Santinhos 1, etc.);

<sup>95</sup> As infiltrações de raízes são, muitas vezes, consideradas para justificar as «anomalias» de algumas datações radiocarbónicas, mas nem sempre com grande objectividade. Na verdade, as amostras de carvão potencialmente mais expostas a este tipo de contaminação (pequena possança de terras), são bastante antigas (v.g. Mamoa 2 de «Outeiro de Ante», Mamoa de «Monte da Olheira», Mamoa de «Monte Maninho», etc.) e outras, mais profundas, forneceram valores que apontam para momentos bem mais recentes (v.g. Mamoa 3 de «Outeiro de Ante»). De assinalar, relativamente a este último monumento, que uma das amostras que, laboratorialmente, apresentava maior percentagem de radículas, forneceu uma datação de 5780 ±80 anos BP. Cfr. V.O. Jorge, Escavação da Mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Concelho de Baião), in *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, I, Guimarães, 1980, pp. 41-69 (Apêndice II, de G. Delibrias e V.O. Jorge, pp. 63-64); A. Monge Soares e J. M. Peixoto Cabral, *Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica, O Arqueólogo Português*, 4<sup>a</sup> série, 2, Lisboa, 1984, pp. 167-213.

<sup>96</sup> A utilização de pequenos carvões dispersos nos sedimentos revela-se incorrecta face à problemática que temos vindo a expor, particularmente se esse facto não é perfeitamente assinalado. De facto as datações radiocarbónicas não valem por si (nem pela quantidade) mas pelo contexto arqueológico em que se inserem.

- b) o dólmen simples, de câmara poligonal alongada, aberta, com *tumulus* envolvente, em terra e pedras ( $\pm 20$  metros) e contraforte de grande envergadura; este tipo de monumento é bem representado pela Mamoa 1 de «Outeiro de Ante», que se implanta, imponentemente, sobre pequena elevação natural;
- c) o dólmen de câmara poligonal larga e de corredor curto, com *tumulus* em terra, protegido superficialmente por uma «couraça» de pedras; os esteios, da câmara e do corredor, apresentam-se sustentados por um possante contraforte; alguns esteios da câmara, nomeadamente a laje de cabeceira, apresenta vestígios de pinturas e gravuras (Dólmen de «Chã de Parada»);
- d) a cista megalítica, de planta poligonal ou sub-rectangular, com *tumulus* construído apenas em pedra (sob a forma de lajeado), ou em terra, recoberto superficialmente com pedras (várias camadas), apresentando, na sua parte média, um círculo lítico simbólico (Mamoa 1 de «Outeiro de Gregos», Mamoa 1 de «Chã de Carvalhal»);
- e) mamoa construída apenas em pedra («cairn»), por vezes delimitada exteriormente por um círculo lítico de pedras fincadas, sem estrutura sepulcral definida (Mamoa 5 de «Outeiro de Gregos»), ou não conhecida (Mamoa 4 de «Meninas do Crasto»);
- f) mamoa, em terra e pedras, estas dispostas superficialmente, com fossa central, cuja funcionalidade não se encontra perfeitamente definida (sepulcral? ritual?) («Chã de Santinhos»).

Estes vários tipos de monumentos poderão apresentar algumas variantes, no que respeita às dimensões, da câmara funerária e da mamoa, situação topográfica, monumentalidade, etc.

As datações de Carbono 14 disponíveis para os monumentos megalíticos desta região (Quadro I), ponderados os múltiplos condicionalismos<sup>97</sup>, já referidos, que devem presidir à valorização de cada determinação radiocarbónica, tornam possível a definição de 3 fases de utilização da «necrópole» da Serra da Aboboreira (Figs. 7, 8 e 9):

- I — finais do V milénio e princípios do IV milénio AC (3500 – 3000 a.C.), momento em que foram erigidos os dólmens simples com câmara poligonal fechada, com ortostatos contrafortados exteriormente e mamoa

---

<sup>97</sup> Não nos é possível, neste texto, discutir pormenorizadamente o conjunto de datações dos monumentos da Serra da Aboboreira. A selecção das datas utilizadas nos diagramas, que serviram de base ao faseamento que a seguir se expõe, teve em consideração os vários condicionalismos expostos. Sobre estas questões veja-se também, S.O. Jorge, Datas de Carbono 14 para a Pré-história Recente do Norte de Portugal: os dados e os problemas, *Arqueologia*, 12, Porto, 1985, pp. 154-183, e A. Monge Soares e J.M. Peixoto Cabral, Datas convencionais portuguesas e a sua calibração: revisão crítica, *O Arq. Port.*, 4<sup>a</sup> série, 2, Lisboa, 1984, pp. 167-213. No que concerne à «calibração» das datas, efectuada com base no trabalho de Pearson *et alii*, 1986, deve-se ter em consideração o carácter de «alta precisão» das medições que serviu de base àquele trabalho, sendo problemática a sua aplicação a determinações radiocarbónicas com graus de precisão muito diferentes.

em terra, protegida superficialmente por uma «couraça» pétreo, podendo, ou não, apresentar um círculo lítico na sua área mediana. Nesta fase incluímos as mamoas de «Mina do Simão», «Monte da Olheira», «Meninas do Crasto» 2, «Furnas» 1 e 2, «Chã de Parada» 4, «Chã de Santinhos» 1 e 2 (fossa sob tumulus) e, com menos segurança, as mamoas 2 e 3 de «Outeiro de Gregos» e a Mamoa 3 de «Meninas do Crasto», além de outros monumentos com as mesmas características e espólio considerado «arcaizante», mas não datados pelo processo de Carbono 14, como p.e., a Mamoa do «Alto do Loureiro»;

II — 2ª metade do IV milénio AC (finais da 1ª metade do III milénio a.C.)  
Corresponde à construção do único dólmen de corredor da Serra da Aboboreira; tecnicamente obedece às mesmas regras construtivas dos monumentos da fase anterior (mamoas envolvendo a câmara e o corredor e contraforte adossado aos esteios), com câmara poligonal alargada (utilizando-se a terminologia de V. Leisner) e corredor de acesso curto, terminando na parte média da mamoa;

III — 2ª metade do III milénio e 1ª metade do II milénio AC, ou seja, aproximadamente, finais do III milénio até aos princípios do 3º quartel do II milénio a.C. (2200 – 1300 a.C.). Este terceiro momento é representado por monumentos de tipo megalítico que traduzem uma certa diversificação das soluções construtivas e, certamente, do ritual funerário. Estruturas mamiformes, construídas em pedra («cairns»), baixas, situadas na periferia das chãs, com câmaras funerárias de tipo cistóide (Mamoas 1 de «Outeiro de Gregos»), sem estrutura funerária (Mamoas 5 de Outeiro de Gregos), ou de tipo não definido (Mamoas 4 de «Meninas do Crasto»). Neste conjunto de monumentos será integrável, na sua fase inicial, a Mamoa 1 de «Chã de Carvalhal», que forneceu espólio tardio (campaniforme) e apresenta uma mamoa com couraça espessa e círculo lítico, contendo na sua parte central uma pequena câmara funerária de planta sub-rectangular, e as reutilizações de alguns monumentos, como é o caso da Anta de «Chã de Parada», da Mamoa de «Monte Maninho» e da Mamoa 2 de «Outeiro de Ante», que também forneceram espólio campaniforme.

Dois monumentos muito importantes, implantados em posição de destaque na área central das chãs em que se situam, que manifestam uma valorização do espaço sepulcral, através de um maior dimensionamento da câmara funerária (Mamoas 1 de «Outeiro de Ante» e Mamoa 3 de «Chã de Parada») e ornamentação dos esteios com pinturas (Mamoas 3 de «Chã de Parada»), que é paralela à monumentalização exterior, com a construção de grandes *tumuli*, localizados proeminentemente sobre pequenas elevações naturais, não se encontram, infelizmente, datados pelo processo de



QUADRO I — Datações radiocarbônicas dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira<sup>98</sup>

N.º de Ordem	Monumento	Laboratório	Datação BP	Conversão a.C.	Calibração (A.C)			Arquitectura	Proveniência (Estratigrafia)	Ref. Bibliográficas
					(Klein et alii, 1982) 2 $\sigma$					
					(Pearson et alii, 1986)					
					1 $\sigma$	2 $\sigma$				
1	Outº de Ante 2	GAK-10937	5920±130	3970±130	5220-4455	4940-4686	5210-4500	dólmen simples	terras do <i>tumulus</i> (?)	1
2	Outº de Ante 3	GIF-4857	5780±80	3830±80	4960-4430	4777-4534	4893-4460	dólmen simples	terras do <i>tumulus</i>	2
3	<i>Idem</i>	GIF-4858	5540±90	3590±90	4555-3990	4468-4340	4654-4230			
4	<i>Idem</i>	GIF-4856	4800±80	2850±80	3860-3360	3694-3387	3779-3370			
5	<i>Idem</i>	GIF-4859	4090±120	2140±120	2920-2400	2883-2480	2920-2330			
6	Outº de Gregos 1	CSIC-772	3620±50	1670±50	2185-1780	2115-1920	2140-1880	cista poligonal c/ anel lítico e estrutura periférica	terra vegetal, sob uma laje horizontal da estrutura periférica	inédita
7	<i>Idem</i>	CSIC-771	3360±50	1410±50	1870-1550	1737-1613	1856-1520			
8	Outº de Gregos 2	KN-2768	5500±70	3550±70	4530-3995	4455-4335	4490-4169	dólmen simples	terras do <i>tumulus</i>	3
9	<i>Idem</i>	CSIC-774	5030±70	3080±70	3940-3660	3958-3710	3990-3690		«solo» antigo enterrado (topo)	inédita
10	<i>Idem</i>	CSIC-547	4950±50	3000±50	3825-3640	3786-3696	3937-3640		«solo» antigo enterrado	
11	Outº de Gregos 3	KN-2766	5230±75	3280±75	4330-3860	4222-3985	4220-3821	dólmen simples	terras do <i>tumulus</i>	3
12	<i>Idem</i>	KN-2765	5200±65	3250±65	4300-3795	4212-3975	4229-3819		terras do <i>tumulus</i>	
13	<i>Idem</i>	KN-2767	2510±65	560±65	800- 420	796- 525	810- 400		câmara (contexto de revolvim.)	
14	Outº de Gregos 5	CSIC-659	4780±60	2530±60	3780-3370	3644-3387	3700-3370	«cairn» sem estrutura megalítica	terras sob o «cairn»; 3 amostras recolhidas a dif. prof. (nível 3)	4
15	<i>Idem</i>	CSIC-773	3250±60	1300±60	1705-1400	1615-1450	1680-1420		base das terras do <i>tumulus</i>	inédita
16	Abogalheira 1	KN-2955	4590±85	2640±85	3645-3030	3498-3135	3617-3040	dólmen simples com círculo lítico	câmara (revolvimento)	5
	<i>Idem</i>	KN-2954	?							
17	Mina do Simão	CSIC-717	5130±90	3180±90	4135-3670	4034-3814	4224-3707	dólmen simples	«solo» antigo enterrado (topo)	6
18	<i>Idem</i>	CSIC-716	5050±70	3100±70	4075-3665	3970-3781	4000-3700		sedimentos da câmara (base)	
19	<i>Idem</i>	CSIC-715	5010±70	3060±70	3925-3655	3948-3705	3990-3650		sedimentos da câmara (base)	
20	Monte da Olheira	UGRA-287	5630±90	3680±90	4710-4155	4654-4362	4720-4340	dólmen simples	estrutura de combustão	7
21	<i>Idem</i>	GrN-15331	5400±40	3450±40	4420-3915	4339-4169	4350-4151		estrutura de combustão	
22	<i>Idem</i>	GrN-15330	5195±25	3245±25	4135-3795	4034-3990	4040-3976		«solo» antigo enterrado (topo)	
23	Meninas do Crasto 2	CSIC-656	5260±50	3310±50	4350-3870	4224-4000	4240-3980	dólmen simples com círculo lítico	«solo» antigo enterrado	8
24	<i>Idem</i>	CSIC-657	5260±50	3310±50	4350-3870	4224-4000	4240-3980		<i>idem</i>	
25	<i>Idem</i>	CSIC-658	5260±50	3310±50	4350-3870	4224-4000	4240-3980		<i>idem</i>	
26	Meninas do Crasto 3	CSIC-776	4960±70	3010±70	3895-3645	3905-3694	3960-3630	dólmen simples	«solo» antigo enterrado (topo)	inédita
27	Meninas do Crasto 4	GAK-10943	4220±140	2270±140	3350-2420	3018-2611	3308-2470	«cairn» definido exteriormente por um anel lítico de contenção	«solo» antigo enterrado	8 e 9
28	<i>Idem</i>	CSIC-661	3830±50	1880±50	2535-2135	2454-2201	2460-2140		<i>idem</i>	
29	<i>Idem</i>	CSIC-660	3800±50	1850±50	2525-2105	2335-2144	2460-2046		<i>idem</i>	
30	Furnas 1	CSIC-777	5250±70	3300±70	4340-3865	4226-3993	4302-3827	dól. simp.(?) c/ anel lítico	terras da base do monumento	inédita
31	Furnas 2	CSIC-775	5270±70	3320±70	4355-3870	4231-3998	4332-3970	dólmen simples	«solo» antigo enterrado (topo)	inédita
32	Chã de Parada 1	ICEN-173	4610±45	2660±45	3635-3155	3492-3345	3507-3139	dólmen de corredor curto com «estrutura de fecho»	«solo» antigo enterrado	10
33	<i>Idem</i> (Extracto)	ICEN-172	4900±260						«solo» antigo enterrado	
34	<i>Idem</i>	GIF-7672	3940±80	1990±80	2785-2175	2573-2343	2855-2200		«estrutura fecho»(fronteira ao corredor)	inédita
35	Chã de Parada 4	ICEN-162	5470±45	3520±45	4435-3965	4357-4262	4454-4239	dólmen simples	lareira 1, situada na base do <i>tumulus</i>	11
36	<i>Idem</i> (Extracto)	ICEN-170	5530±300						<i>idem</i>	
37	<i>Idem</i> (Extracto)	ICEN-171	5370±130						<i>idem</i>	
38	<i>Idem</i>	ICEN-169	5420±40	3470±40	4225-3930	4344-4239	4355-4159		lareira 2, situada na base do <i>tumulus</i>	
39	Cabritos 1	GIF-7019	2700±60	750±60	1035- 780			dólmen simples	<i>tumulus</i> (base), sob as pedras de uma fossa	11
40	Cabritos 3	GIF-7020	6100±70	4150±70	5265-4905	5206-4908	5230-4847	dólmen simples (?)	terras do <i>tumulus</i>	11
41	Chã Santinhos 1	GIF-6783	4980±50	3030±50	3905-3650	3906-3703	3950-3690	dólmen simples	lareira estruturada sobre o «solo» antigo	12
42	Chã Santinhos 2	GIF-6784	4990±50	3040±50	3910-3650	3931-3705	3960-3690	fossa sob <i>tumulus</i>	lareira estruturada (E2)	12
43	<i>Idem</i>	GIF-6785	4930±50	2980±50	3890-3570	3782-3692	3909-3640		lareira 2 (E1-E2)	
44	Monte Maninho	GrN-15569	5805±40	3855±40	4935-4500	4774-4613	4785-4579	(?)	«solo» antigo enterrado	
45	<i>Idem</i>	CSIC-775	5680±80	3730±80	4850-4400	4669-4460	4773-4360		<i>idem</i> , mesma amostra	13

---

<sup>99</sup> Este quadro inclui todas as datas dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira publicadas (Set<sup>o</sup> de 1988). A sua calibração foi efectuada segundo os métodos de Klein *et alii* (*op. cit.* na nota 80) e G.W. Pearson, J.R. Pilcher, M.G.L. Baillie, D.M. Corbert e F. Qua, High precision 14C measurement of irish oaks to show the natural 14C variations from AD 1840 to 5210 BC, *Radiocarbon*, vol. 28, n<sup>o</sup> 2B, 1986, pp. 911-934. Agradecemos, reconhecimento, a colaboração prestada pelo Prof. Dr. Cecilio González Gómez, Director do Laboratório de Carbono 14 da Universidade de Granada, na calibração das datas dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira, bem como dos monumentos da Galiza (Quadro II). As datas identificadas com os n.ºs 6,7,9,15,26,30,31 e 34 foram divulgadas, oralmente, pelo Prof. Dr. Vítor Oliveira Jorge durante a realização do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular. *Referências bibliográficas*: 1 — A.A. Huet de Bacelar Gonçalves, Escavação da Mamoa n<sup>o</sup> 2 de Outeiro de Ante — Serra da Aboboreira — Baião, *Arqueologia*, 9, Porto, 1984, pp. 22-44 (nota 18); 2 — V.O. Jorge, Escavação da Mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Baião), in *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, I, Guimarães, 1980, pp. 41-69 (pp. 63-64); 3 — V.O. Jorge, Datas de C14 para o megalitismo do Norte de Portugal: breve nota, *Lucerna*, Porto, 1984, pp. 69-72; 4 — V.O. Jorge, Uma datação pelo radiocarbono para a Mamoa 5 de Outeiro de Gregos (Baião), *Arqueologia*, 12, Porto, 1985, pp. 94-95; 5 — E.J. Lopes da Silva, O núcleo megalítico da Abogalheira (Serra da Aboboreira — Amarante), e uma datação pelo C14, *Revista de História*, I, Porto, 1984, pp. 11-40; 6 — V.O. Jorge, F. Alonso, Datas de Carbono 14 para a Mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira, Norte de Portugal), *Arqueologia*, 15, Porto, 1987, pp. 92-93; 7 — D.J. Cruz, A Mamoa de «Monte da Olheira» (Serra da Aboboreira — Baião) — estudos de paleobotânica e datações de Carbono 14, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 27, Porto, 1987 (no prelo); 8 — V.O. Jorge, Novas datações de radiocarbono para mamoas do Concelho de Baião, *Arqueologia*, 11, Porto, 1985, pp. 182-183; 9 — V.O. Jorge, Uma data de radiocarbono para a Mamoa 4 de Meninas do Crasto (Baião), *Arqueologia*, 8, Porto, 1983, p. 23; 10 — V.O. Jorge, Sondagens arqueológicas na Mamoa de Chã de Parada (Baião), 1987, pp. 73-118 (pp. 112-113); 11 — V.O. Jorge, Datas de Carbono 14 para a Mamoa de Chã de Parada 4 (Baião), *Arqueologia*, 17, Porto, 1988, pp. 121-123; 12 — V.O. Jorge, Les tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, 12, Porto, 1985, pp. 96-129; 13 — D.J. Cruz, Escavação da Mamoa de «Monte Maninho» (Serra da Aboboreira — Baião), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 27, Porto, 1987 (no prelo).

## Carbono 14.

A presença de pinturas e o facto de estes monumentos possuírem câmaras desenvolvidas (aberta, relativamente à Mamoa 1 de «Outeiro de Ante», e de morfologia imprecisa (quanto à existência ou não de entrada), no caso da Mamoa 3 de «Chã de Parada»), permite-nos colocar a hipótese, meramente académica e numa perspectiva de evolução linear, de este tipo de monumento se situar cronologicamente entre o dólmen simples fechado e o dólmen aberto de corredor.

A presente periodização não é mais que uma hipótese de trabalho, baseada nos dados disponíveis para a Serra da Aboboreira (datações radiocarbónicas e espólio), a aferir com a realização de novas escavações e, sobretudo, datações absolutas obtidas com amostras cujo contexto arqueológico seja bem conhecido.

Não existem para o Norte de Portugal outras datações (publicadas) que nos permitam uma extrapolação e comparações tipológicas.

Os megálitos da Galiza datados pelo processo de Carbono 14 (Quadro II) não são numerosos e as poucas determinações existentes enfermam de algumas limitações<sup>99</sup>, mas as datações do monumento de «As Rozas» (possível dólmen simples com contraforte) e «Chan da Cruz 1» (dólmen simples ?), enquadraram-se na fase I da Serra da Aboboreira, e o dólmen de corredor de «Os Campiños 6», datado com carvões provenientes do corredor e que, segundo os seus escavadores, corresponde ao momento final da utilização do monumento, data dos finais do IV milénio AC, integrando-se na fase II.

---

<sup>99</sup>As datações dos monumentos megalíticos da Galiza são isoladas e com graus de precisão diversos pelo que devem ser consideradas com grande precaução. De facto, as duas datas do monumento 1 de «Chan da Cruz» (GAK-11395:5890 ±120 anos BP e CSIC-642:5210 ±50 anos BP), obtidas a partir da mesma amostra de carvões, não são estatisticamente semelhantes, além de uma delas apresentar um desvio padrão elevado, o que torna a sua utilização impraticável. A mesma situação se regista relativamente à datação do dólmen de «As Pereiras» (GAK-11821:4850 ±240 anos BP), cuja construção poderia ter ocorrido durante todo o IV milénio AC (probabilidade de  $\pm 2\sigma$ ).

QUADRO II — Datações de carbono 14 dos monumentos megalíticos da Galiza<sup>100</sup>

N.º de Ordem	Monumento	Laboratório	Datação BP	Conversão a.C.	Calibração (AC)			Arquitectura	Proveniência (Estratigrafia)	Ref. Bibliográficas
					(Pearson <i>et alii</i> , 1986)					
					(Klein <i>et alii</i> , 1982) 2 $\sigma$	1 $\sigma$	2 $\sigma$			
1	As Rozas 1 (Pontevedra)	GAK-11189	5150 $\pm$ 140	3200 $\pm$ 140	4355-3660	4218-3790	4340-3690	dólmen simples	fogueira localizada nas terras do <i>tumulus</i> (101)	1, 2 e 3
2	Chan da Cruz 1 (Pontevedra)	GAK-11395	5890 $\pm$ 120	3940 $\pm$ 120	5180-4550	4935-4621	5196-4490	dólmen simples (?)	lareira estruturada sobre o solo de base (102)	1, 2 e 3
3	<i>Idem</i>	CSIC-642	5210 $\pm$ 50	3260 $\pm$ 50	4315-3800	4211-3987	4224-3827			
4	As Pereiras (Pontevedra)	GAK-11821	4850 $\pm$ 210	2900 $\pm$ 210	3930-3175	3938-3370	4214-3042	dólmen poligonal com corredor incipiente	terras do <i>tumulus</i> ; carvões concentrados (103)	4
5	Os Campiños 6 (La Coruña)	GrN-14328	4300 $\pm$ 60	2350 $\pm$ 60	3340-2860	3018-2891	3080-2705	dólmen de corredor	sedimentos do corredor; nível correspondente ao momento final de utilização do monumento	5

<sup>100</sup> Sobre a calibração destas datas vejam-se as considerações feitas para as datações dos monumentos da Serra da Aboboreira (nota 98). *Referências bibliográficas*: 1 — R. Patiño, Escavación de la mámoa nº1 de As Rozas, *Pontevedra Arqueológica*, 1, 1984, p. 66; 2 — R. Patiño e A. de la Peña, Primeros resultados de dos años de investigación sobre el mundo megalítico en la Provincia de Pontevedra, *II Colóquio Galaico-Minhoto*, II, 1984, pp. 290-295; 3 — Ramon Patiño Gomes, Dos primeras dataciones de Carbono 14 para cultura megalítica galega, *Arqueologia*, 11, Porto, 1985, pp. 67-73; 4 — A. de la Peña Santos, La mámoa de As Pereiras, *Pontevedra Arqueológica*, 2, 1985-86, pp. 7-12; 5 — R. Fábregas e F. de la Fuente, «Os Campiños» Leiro, *Arqueologia*, 83, Madrid, 1984, pp. 221-222.

<sup>101</sup> A escavação deste monumento não permitiu a detecção de qualquer ortostato, mas somente do contraforte de um possível dólmen de câmara poligonal, descrito pelos autores dos trabalhos como um «recinto de planta poligonal, com um vão de entrada, sem corredor» (vd. R. Patiño, *op. cit.*, 1984). Os carvões analisados foram recolhidos numa fogueira localizada nas terras do *tumulus* a cerca de 25 cm acima do «solo de base» e a  $\pm$ 136 cm de profundidade (vd. Patiño, 1985).

<sup>102</sup> Os carvões provêm de uma lareira estruturada existente no monumento sobre «um suelo preparado bajo el tumulo». A câmara funerária, que segundo o autor da escavação seria de pequenas dimensões, apresentava-se muito remexida, não sendo possível defini-la (Patiño, 1985). A amostra foi recolhida à profundidade de cerca de 110 cm, relativamente ao nível superior do monumento.

<sup>103</sup> Datação não publicada. Informação pessoal prestada pelo autor da escavação a Ramón Fábregas Valcarce. Vd., neste volume, o artigo deste último autor «Megalitismo de Galicia». Os carvões utilizados nesta segunda análise radiocarbónica foram recolhidos na mesma estrutura que forneceu os carvões da datação GAK-11189:5150  $\pm$  140 anos BP.

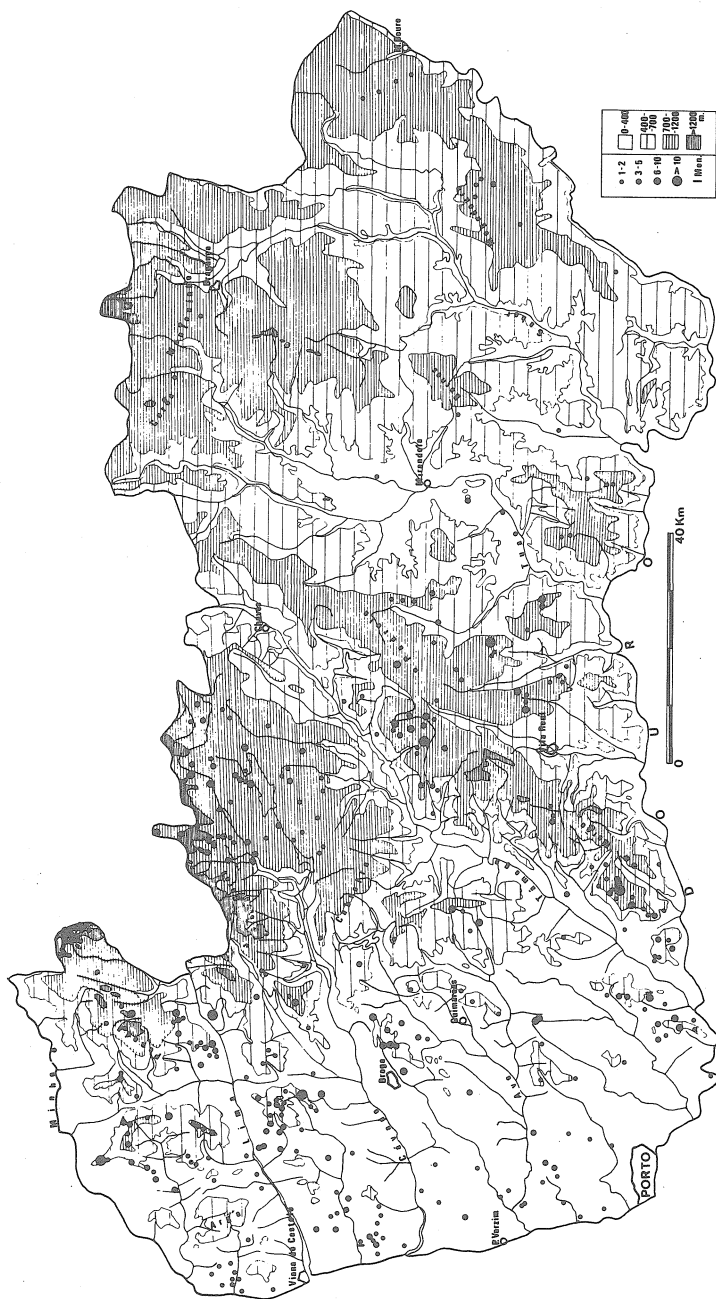


Fig. 1 — Distribuição dos monumentos megalíticos do Norte de Portugal (seg. V.O.Jorge).



Fig. 2 — Mamoa do «Alto do Loureiro» (Serra da Aboboreira, Baião). Um aspecto da escavação, 1987. Vista tirada de Norte. Foto de Augusto Lemos.

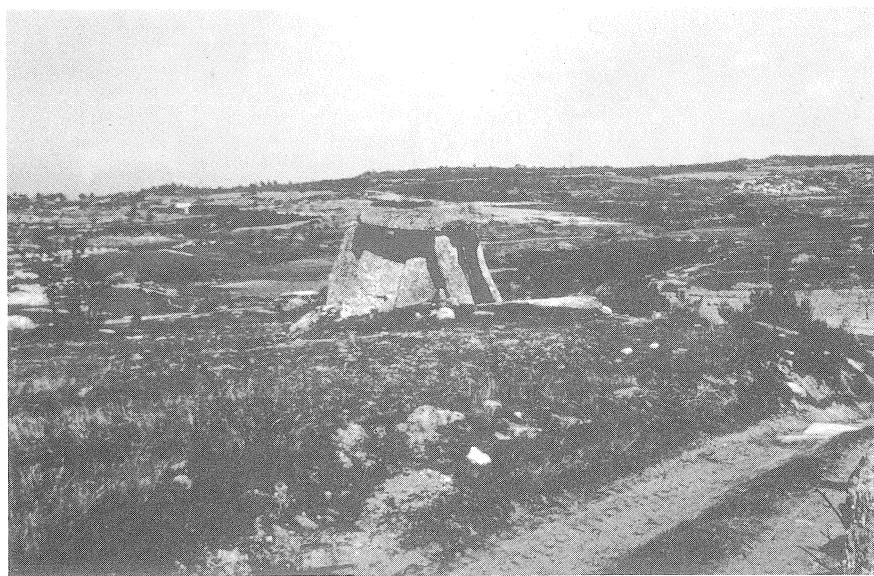


Fig. 3 — Dólmen de Zedes (Zedes, Carrazeda de Ansiães), vista tirada de Sul. Foto do autor.

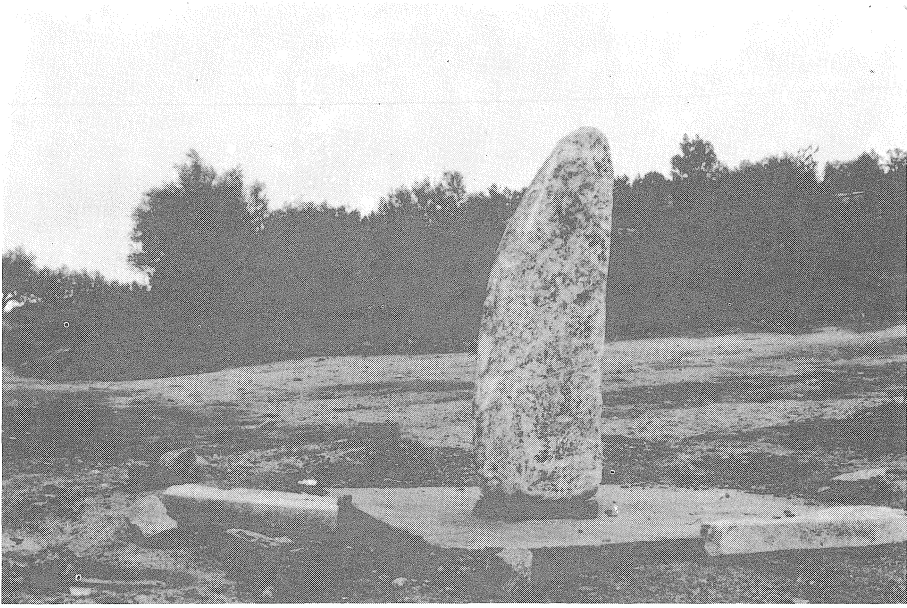


Fig. 4 — «Estátua-menir» da Bouça (Mirandela). Foto de E. Sales Pereira.

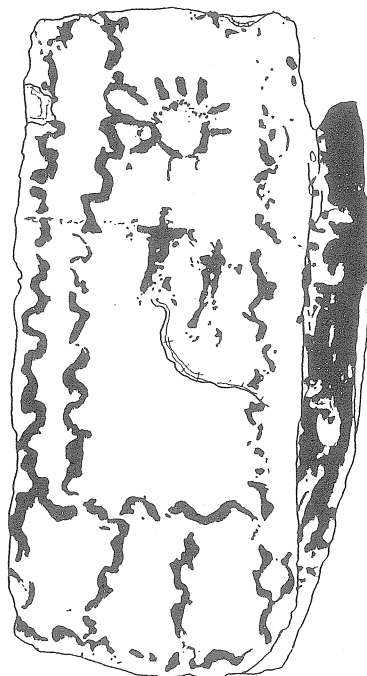


Fig. 5 — Esteio pintado, depositado no Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, procedente, provavelmente, do Dólmen do Padrão (Baltar, Paredes). Levantamento de E. Shee Twohig. © Oxford University Press, 1981. Reprodução autorizada.

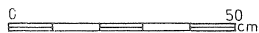


Fig. 6 — Fragmento de esteio pintado, depositado no Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, procedente, provavelmente, do Dólmen do Padrão (Baltar, Paredes). Levantamento de E. Shee Twohig. © Oxford University Press, 1981. Reprodução autorizada.



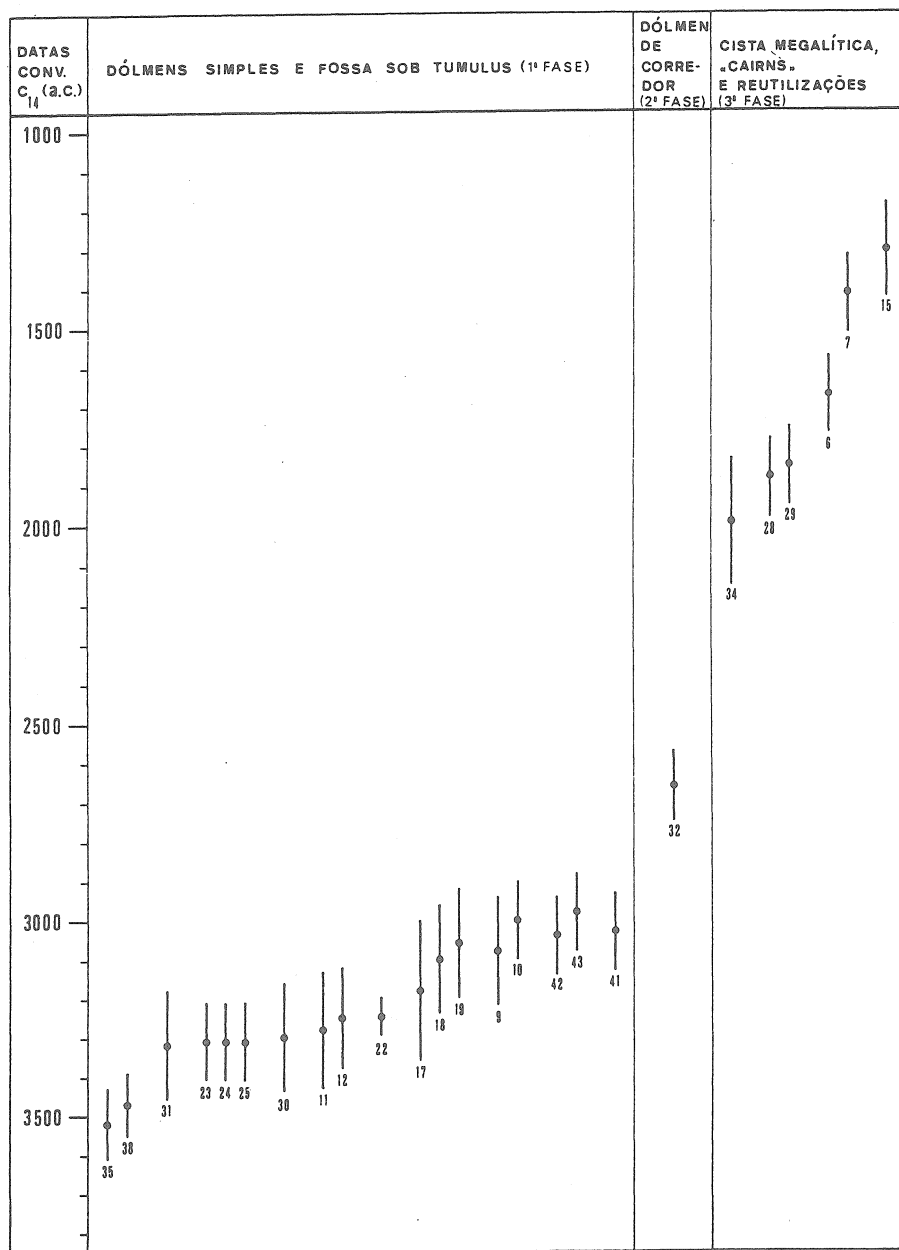


Fig. 7 — Representação gráfica das datas convencionais de radiocarbono dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira (vd. Quadro I), para um intervalo de confiança de 95,46% ( $\pm 2$  sigma).

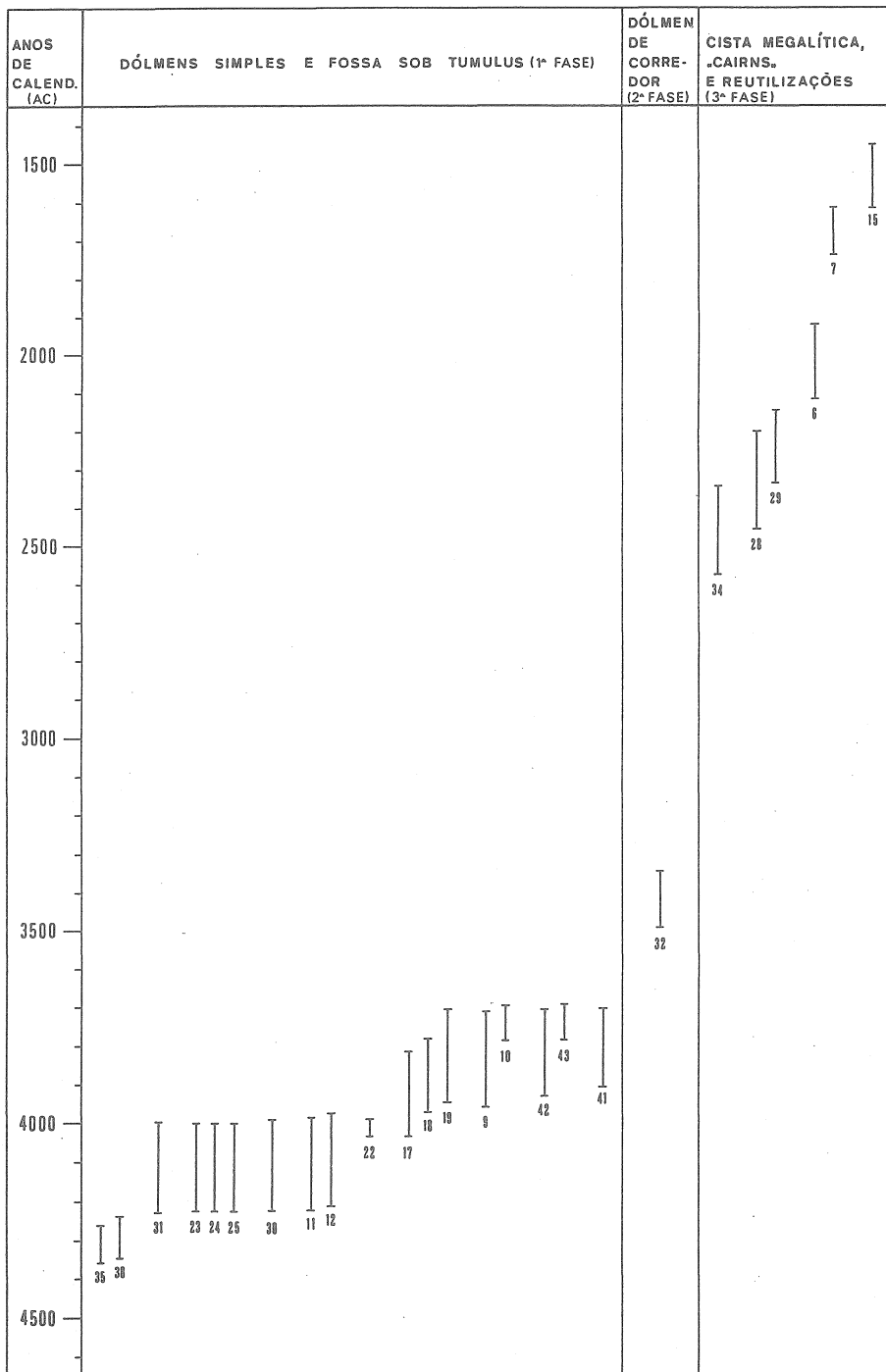


Fig. 8 — Datas convencionais «calibradas» dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira (período convencional «Libby» de 5568 anos e um intervalo de confiança de 68, 26% ( $\pm 1$  sigma), seg. Pearson et alii, 1986.

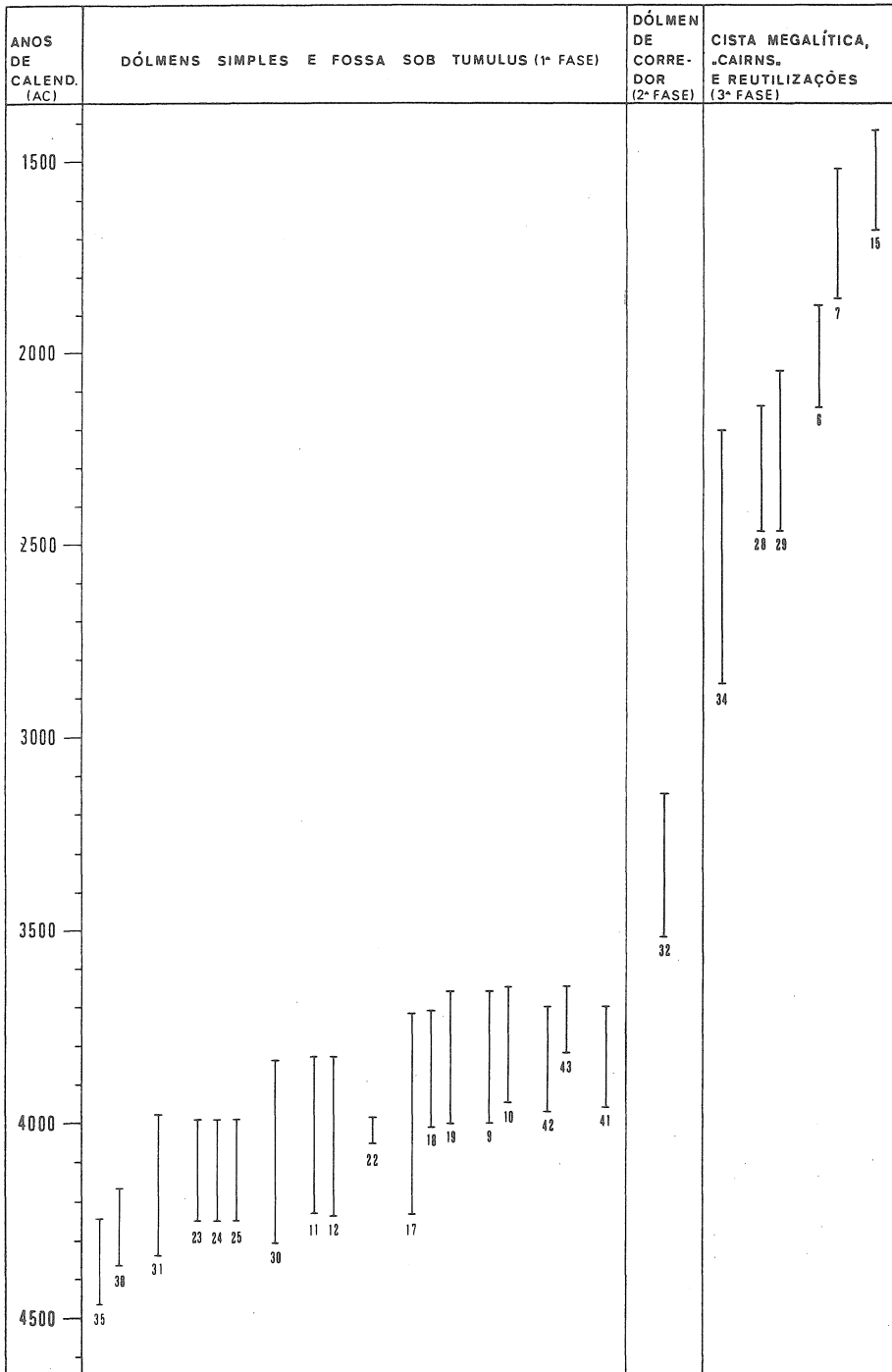


Fig. 9 — Datas convencionais «calibradas» dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira (vd. Quadro I) (período convencional «Libby» de 5568 anos e um intervalo de confiança de 95, 46% ( $\pm 2$  sigma), seg. Pearson, *et alii*, 1986.

## DEBATE

**Rámon Fábregas Valcarce** — Queria fazer uma pergunta ao Dr. Domingos Cruz a respeito dessas mamoaas de escassa altura, que mal são visíveis na paisagem. Existem elementos que permitam estabelecer aproximadamente uma cronologia para essas mamoaas?

**Domingos Cruz** — O arqueólogo observa centenas de mamoaas, alguns de nós conhecerão centenas de monumentos megalíticos. Eles surgem-nos na paisagem com o mesmo aspecto de montículo artificial, mais alto, mais baixo, maior ou menor. Podemos estudar a relação desses monumentos com a chã, com o meio-ambiente, mas é impossível sem uma escavação saber qual é o mais antigo ou o mais recente. Portanto é um pouco falível o estudo destes monumentos em termos de espaço, porque não é possível definir previamente a que época é que pertencem; assim, a lógica que foi utilizada num determinado momento poderá não ter sido a mesma num 2º, 3º ou 4º momentos. Tendo em consideração que estes monumentos, que esta tradição de tumular em mamoaas é longuíssima (na Serra da Aboboreira está atestada ao longo de mais de 1500 anos), a lógica da utilização do espaço poderá ter sido diferente de época para época. Eu, no entanto, no capítulo que iria ler a seguir se tivesse tido tempo de acabar — e com base nas datações de C14 da Serra da Aboboreira, que são as únicas que existem para o Norte de Portugal em termos de megalitismo — tentava resumir um pouco isso, porque realmente é possível estabelecer uma certa sequência entre os monumentos mais preponderantes, os que estão na periferia e os que estão na parte central da chã. Com base nisso, eu estabelecia uma hipotética cronologia, mas que é muito discutível. É provável que estas chãs tivessem um primeiro momento de utilização (estou a referir-me aos núcleos e não às mamoaas isoladas) em que se construíram os monumentos nos locais mais proeminentes, que permitiam colocar a mamoa numa situação de destaque. É o caso de Outeiro de Gregos 2, Outeiro de Ante 1, e eu incluiria neste grupo Chã de Parada 3. Para esta situação inicial dos dólmens em posição mais proeminente não há datações válidas para a Serra da Aboboreira, porque tais datações referem-se à 2ª metade do IVº milénio a.C. e integram um conjunto de monumentos que se situam em áreas mais periféricas. É o caso da Mamoa 2 de Meninas do Crasto, Mamoa do Monte da Olheira, Mamoa 3 de Outeiro de Gregos (um pouco mais periférica em relação à Mamoa 2 de Outeiro de Gregos), Mina do Simão (que relativamente ao núcleo central está numa posição periférica, e o seu posicionamento no espaço não é o mesmo). E neste grupo talvez pudesse incluir Chã de Santinhos, a Mamoa 3 de Outeiro de Ante (que é periférica em relação à Mamoa 1 do mesmo núcleo),

e a Mamoa 4 de Chã de Parada (que é também periférica em relação à Mamoa 3 do mesmo núcleo). E por fim, num momento posterior, então sim, colocava os monumentos ainda mais periféricos, extremamente pouco relevados no terreno, que assumem forma de mamoa em terra e pedra ou que correspondem a *cairns* e que são: Meninas 4, Outeiro de Gregos 5, Chã do Carvalhal 1 (uma cista megalítica), Mamoa 5 de Outeiro de Gregos, etc. Quer dizer, talvez seja possível com base nas datações — e há novas datas que eu ainda não tive tempo de ver e que estão inéditas — para a Serra da Aboboreira (que é o único caso estudado exaustivamente ou quase) estabelecer uma sequência entre os monumentos mais proeminentes, os melhor situados nas chãs, e os mais periféricos, mas tipologicamente semelhantes aos mais proeminentes e depois os ainda mais periféricos, extremamente pouco relevados no terreno, que assumem forma de cista, ou que não têm estrutura interna, ou cuja mamoa é construída apenas em pedra. Mas isto é uma hipótese extremamente discutível e é necessário mais dados, principalmente datações C14, para monumentos como Outeiro de Ante 1, Outeiro de Gregos 2, Chã de Parada 3, que são monumentos centrais em cada núcleo.

Vítor Oliveira Jorge — Eu gostaria de lançar três temas; um deles vem na sequência deste problema da cronologia. Efectivamente, ontem, o Dr. Fernán Alonso (que tenho o prazer de anunciar que se encontra aqui connosco e que considero já um membro da equipa da Aboboreira, tantas são as datas que nos tem proporcionado no seu laboratório) trouxe-me um conjunto de novas datas que são importantes. A principal conclusão dos nossos trabalhos na Aboboreira é a de que temos ali uma maioria de mamoas que continham dólmenes, e outras que não são megalíticas; entre estas últimas, duas continham (uma delas de certeza, a outra provavelmente) cistas, ou câmaras de tipo cistóide, portanto estruturas muito pequenas, que de maneira nenhuma se podiam chamar dólmenes. Esta distinção é importantíssima adentro daquilo que tradicionalmente se aglutinava sob a designação de megalitismo e creio que a Aboboreira deu um contributo decisivo nesse aspecto. É realmente impressionante o número de datas que se encontra ali já realizado; é o maior número de datas para uma zona definida em toda a Península e talvez uma das maiores concentrações já mesmo a nível europeu. Temos datas (afixadas ali fora) que confirmam as principais intuições que tínhamos tido. Para mamoas com dólmenes sem corredor possuímos novas datas que vão desde 3320 a.C. (não calibrada) para o topo do solo antigo em Furnas 2, até 3010 a.C. relativamente a Meninas do Crasto 3, também para o topo do solo antigo. Qualquer destas duas mamoas continha um dólmen sem corredor, uma pequena câmara simples característica do megalitismo aqui do Norte de Portugal. Para mamoas do tipo *cairn*, que nós sempre considerámos serem, com toda a probabilidade, da Idade do Bronze Antigo (Outeiro de Gregos 1, Meninas do Crasto 4 e talvez também Outeiro de Gregos 5 — esta última sem qualquer estrutura interior e portanto muito difícil de classificar em termos culturais e cronológicos), temos datas que apontam para os inícios do II<sup>o</sup> milénio, havendo já uma para os meados, digamos, do II<sup>o</sup> milénio — 1410 a.C., para Outeiro de Gregos 1 — e uma um pouco mais recente, 1300 a.C., para Outeiro de Gregos 5, a qual poderá talvez ser um bocadinho mais recente do que aquilo que será a realidade e

implicará novas datações de controlo. De qualquer maneira, a fundamental distinção entre monumentos sem corredor mas com dólmen e que são fundamentalmente de um Neolítico Médio-Recente, e os monumentos de tipo *cairn*, que são da Idade do Bronze — todos eles incluídos nos mesmos núcleos, lado a lado — isso é uma intuição que está confirmada actualmente, de uma forma quase exhaustiva. Ora esta era uma questão que gostaria de colocar aos colegas da Galiza: se encaram a hipótese de algumas das suas necrópoles haver esta perduração de mil e tal anos de continuidade. Um segundo problema era aquele sobre o qual ainda ontem falava com Ramón Fábregas, o dos dólmenes de corredor curto que têm umas estruturas em forma, digamos entre aspas, de «átrio», como se descobriu em Madorras 1 (mas está ainda inédita) e se publicou agora para Chã de Parada 1. É um problema que me parece muito interessante, porque pela primeira vez mostra um tipo de estrutura que é comum em vários países da Europa e que não tinha sido ainda aqui relevado na Península Ibérica, e ao qual aliás o Dr. Domingos Cruz aludiu. E finalmente ainda um problema que eu gostava de pôr aos colegas galegos: aparentemente parece que não há na Galiza (mas pode ser ignorância minha) grandes dólmenes de corredor indiferenciado em relação à câmara, do tipo da Anta da Barrosa, que no entanto está relativamente perto da fronteira galega, ou do tipo da Anta de Santa Marta, em Penafiel. Isto é curioso, e eu perguntava se efectivamente isso pode corresponder à realidade, porque então neste aspecto há uma distinção do megalitismo galego; aparentemente não mostra estas soluções «evolucionadas». Mas vou-me calar porque por ex. o Dr. Eduardo Jorge, aqui presente, e a quem eu lanço o repto de dizer qualquer coisa, tem escavado ultimamente vários monumentos nesta região da Barrosa e em particular um muito interessante, indiferenciado, e que pode dar úteis achegas. O mesmo repto lanço ao Dr. Huet Bacelar.

**Eduardo Jorge Lopes da Silva** — Respondendo ao repto, começaria por perguntar também aos colegas galegos se, de facto, no que diz respeito aos dólmenes com corredor indiferenciado (e eu logo gostaria de referir muito sumariamente isso quando apresentar o meu trabalho sobre Afife), neles se notam esteios do género dos da Barrosa, ou de Santa Marta, em que há uma diferença nítida de altura em relação à câmara, ou se, pelo contrário, os esteios que formam o que poderemos chamar fundamentalmente ainda a câmara dolménica têm a mesma altura dos do corredor. Ou seja, se certos dólmenes de corredor indiferenciado apresentam a mesma altura em todo o monumento, o que é o caso típico da mamoa de Afife. Gostaria de saber se de facto há paralelos na vossa área para os trabalhos que tenho feito.

**Huet Bacelar Gonçalves** — Uma vez que estamos num Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular, quero deixar aqui uma súmula, o mais reduzida possível, do que foi a última campanha de escavação na Mamoa 1 de Madorras, no concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real de Trás-os-Montes, e que foi dada por encerrada ontem. Foram descobertas, na grande laje de cabeceira e na laje que lhe está contígua do lado sul, gravuras; essas lajes estão gravadas e apresentam aquilo que pensamos que sejam restos de pintura. Pensamos também que uma das figuras que a laje central apresenta é um quadrúpede (será um cervídeo, não será? Não sei). O levantamento das gravuras

será feito brevemente. Outro aspecto importante resultou da decapagem integral do quadrante sudeste; verificou-se que as grandes lajes da periferia, que têm perto de 80 cm. por 50 cm., a dada altura se interrompem ao nível do solo, do piso, formando uma passagem na zona frontal ao corredor. Não havia violação, era mesmo uma interrupção, uma entrada. E na zona próxima, no meio das últimas pedras do anel periférico, bem calçadinho, estava um grande seixo de quartzito, que tem aquilo que nós julgamos serem pinturas. Tem um triângulo preto, afilado na ponta; foi truncado intencionalmente em cima e em baixo, não sabemos porquê. Tem ainda uma mancha de ocre que se prolonga, mas a peça foi ainda mal observada e terá de ser vista com muita cautela. Entre outros aspectos, foi também descoberto um piso, e foram recolhidos carvões que vão permitir datas da estrutura de fecho. Recolhemos mais carvões ao nível do piso do interior da câmara; esse piso era constituído por elementos de quartzo leitoso «argamas-sados» com saibro, que teria c. de 10-20 cm. de espessura. Isto são alguns dados muito a quente, muito sumários, que eu pretendi aqui deixar aos colegas para irem pensando neles.

José María Bello Dieguez — A respeito do que o Huet disse, quero também apresentar um dado proveniente de uma escavação recente no dólmen de Dombate, na província da Corunha. Trata-se de uma câmara poligonal com corredor, ainda que esteja classificada por Cuevillas como sendo sem corredor, e por Leisner como de corredor curto. O corredor atinge 4 metros de comprimento e tem três séries de lajes. Tem também uma couraça ou parte de couraça (não sabemos se as pedras que estariam em contacto com a câmara desapareceram por acção do homem, ou se simplesmente não existiam). E na parte exterior, na periferia do túmulo, conserva-se perfeitamente uma couraça formada por grandes lajes (70-80 cm. nas maiores) e pedras planas que se apoiam, colocadas quase verticalmente, imbricadas; são pedras pequenas mas muito bem trabalhadas. E, como referia Huet, também na área de entrada essa estrutura se interrompe, dando lugar, neste caso, a uma fiada de... creio que são exactamente 20 pequenos ídolos ou «ídolos-bétilos» (de dois tipos) que, colocados em linha como que prolongando o contorno do túmulo, marcavam claramente uma área de entrada. Entre esses «bétilos» (para lhes chamar assim, uma vez que a escavação terminou no domingo passado, e não convém para já fazer mais apreciações até que os dados estejam mais estudados), temos basicamente dois tipos: uns são seixos rolados que apresentam entalhes laterais (semelhantes a exemplares que suponho que Fábregas lhes mostrará), outros são feitos em granito e insinuam como que uns braços, uma espécie de cruciformes com os braços simplesmente insinuados, e dentro destes destaca-se um, que infelizmente estava deslocado, pertencendo à fiada mas caído em vez de estar fincado, que apresenta uma feitura próxima aos «ídolos-violino», de claras ressonâncias mediterrânicas.

H.B.G. — Só queria dizer ali ao Bello Dieguez que o objecto pintado que encontrei — vamos chamar-lhe com muitas reservas um ídolo pintado — estava entalado junto às grandes lajes que constituem o anel periférico e numa zona perfeitamente frontal ao corredor de entrada; o anel periférico passa a uns 6 metros, se tanto, dos esteios da

entrada do dólmen de Madorras 1. Na mesma zona, no ano anterior, apareceu quase também à superfície do terreno um ídolo, provavelmente com restos de pintura, que também se encontrava — o que é hoje perfeitamente visível — na mesma zona frontal à entrada do corredor deste monumento.

E.J.L.S. — Há uma notícia recente que eu gostaria de transmitir a todos os presentes, porque vem na esteira do que acaba de ser dito pelo meu colega Huet Bacelar. Também eu cheguei ontem de um trabalho do lado de lá do Douro, na margem sul, de uma intervenção que esteve a ser feita nestas últimas semanas no concelho de Cinfães, no monumento até agora designado Mamoá 1 de Tendais. Acontece que os dados desde já colhidos, independentemente do material, parecem-me suficientemente significativos para apontar para cronologias bem definidas. Uma das grandes apostas era tentar saber se o megalitismo do lado de lá do Douro, colado, digamos, à Aboboreira (na medida em que da Serra de Montemuro onde este monumento foi escavado se vê em linha de mira a Serra da Aboboreira, a capelinha de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Guia e todo o *plateau*), apresentava uma situação nova em relação à margem norte. Esta primeira campanha revelou desde já a ideia de que aquele mundo é bastante diferente do da Aboboreira, e não só em termos de estrutura. O dólmen tem 2 esteios gravados, um deles realmente espectacular; por outro lado verificou-se a existência do que talvez seja uma estrutura secundária, tipo cistóide ou por aí, o que pressupõe também um problema novo. Apareceu uma grande quantidade de material. Curiosamente, pontas de seta não apareceu nenhuma. Ocorreram imensas contas de colar, mais de um milhar de contas pequenas, e apareceram também outros objectos que já realmente apontam para outro tipo de cronologia, talvez mais avançada. De qualquer forma, em termos da hipotética estrutura periférica, há um novo esteio pequeno dentro do que pode já ter constituído a abertura dessa mesma cista, ou pseudo-cista. Há de facto um novo esteio gravado, com gravuras totalmente diferentes da grande laje, e apareceu também uma pequena pedra gravada que parece ser realmente um ídolo, uma pedra comprida que parece ter dois olhos. Mas isto surgiu já no penúltimo dia de campanha, são tudo elementos, como dizia o meu colega Huet Bacelar, a quente, não houve ainda uma reflexão suficiente para amadurecer ideias. De qualquer modo, gostava de deixar aqui nestes minutos finais a ideia de que algo está a acontecer de novo, para o lado de lá da Serra da Aboboreira, encostadinho mesmo ao rio Douro, também.

H.B.G. — No seguimento das palavras do meu colega Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva, gostaria de dizer que tenho vindo a prospectar um pequeno *plateau* de 14 Km. por 4 de largura máxima, na zona compreendida entre a Serra da Falperra e o rio Douro, limitada por todas aquelas necrópoles que são nossas conhecidas, como seja a Aboboreira, o Alvão, o Fiolhoso, Alijó. Nesse pequeno *plateau* entalado, digamos, entre o rio Pinhão a leste e o rio Corgo a oeste, onde não havia monumentos nenhuns, no presente momento e com uma prospecção que ainda está muito longe de estar completamente concluída, eu já caminho a passos largos para c. de 30 monumentos.

Maria de Jesus Sanches — Há bocado o Dr. Domingos Cruz disse que a maior parte das datas de C14 do Norte de Portugal eram da Serra da Aboboreira. Eu venho só dar



notícia de uma nova data para um monumento em Trás-os-Montes, que o Dr. Fernán Alonso fez o favor de me enviar. A Mamoa 3 de Pena Mosqueira tem uma data, para carvões provenientes de uma área acima do enterramento, de  $2980 \pm 60$  a.C., não calibrada. A data não se refere ao enterramento (que, como sabem, estava intacto), mas a carvões que estavam a c. de 30 cm. do enterramento. Trata-se de um monumento sem qualquer estrutura megalítica, e com um enterramento que presumivelmente será individual; neste momento está-se a fazer uma análise para saber se é ou não infantil. Revelou um espólio muito rico. Continha também 3 pequenas placas, duas com ocre e uma com pintura. Eu não sei até que ponto poderemos chamar a isto ídolos. É um problema que ponho aqui: até que ponto poderemos chamar ídolos a estas pequenas placas com pintura.